

Vicente Alves do Ó

FLOREBELA,

Apeles e Eu

Este livro não segue as normas do novo Acordo Ortográfico.



CHÁ DA CINCO
Livros com sexto sentido



Para a Sofia



1.

A terceira pancada perdeu a memória. O corpo avançou alguns metros, dobrou-se ao tocar as arestas rectilíneas da cómoda onde guarda os vestidos e as fotografias de infância e caiu no chão. O corpo, perdendo a gravidade, como que perdia o seu lugar no universo e, sem memória, era apenas um sinal de luz. À terceira pancada desviei o olhar. Acho que aguentei aquilo duas, três noites, ali, sentado, junto à janela do quarto, vigilante, como quem procura uma razão naquele homem de corpo em formação de guerra, diante da própria mulher, uma e outra vez, arremessando a mão fechada uma e outra vez, contra a violência ou a favor da violência, como que explicando-se, através da dor, daquela dor infligida, silenciosa, a razão de todas as razões, quer fossem elas amorosas ou dilacerantes. Porque os homens, como acto de amor e sobrevivência, apenas controlam o medo matando-se por dentro, no interior da própria graça onde acreditam existir. E ele, António, matava-se, enquanto matava Florbela. E ela, já sem memória, a boca em sangue, o corpo em sangue, a alma em sangue, os olhos fechados, abandonava-se, certa de que respirava pela última vez, certa de que ele a amava tanto tanto, que não sabia como viver com ela. E por isso lhe batia cheio de uma covardia celestial, uma covardia onde nasce a dor e a frustração e onde se redimem todas as palavras que um dia foram cele-

bradas de luz e futuro. E Florbela sabia disso, e António sabia disso e eu, ali, no início, no primeiro momento em que me aproximei deles, sabia disso. Mas naquela noite, a segunda ou terceira noite — pouco importa — não podia continuar a ver, impunemente, a morte adiantada de uma mulher que ainda não tinha escrito tudo, nem sofrido tudo o que precisava de sofrer. Os poetas, todos os poetas, vivem do alimento primordial da condição. Vivem da vida incendiada que os acorda todos os dias com a vaga esperança de atravessar o corpo e entrar num outro espaço. O terror da verdade e o peso da beleza. Por isso, por tudo isso que ainda faltava viver, pedi-lhe, sussurrei-lhe ao ouvido dele que por momentos se abandonasse em cima da cama desarrumada, onde outrora tinham feito amor e planos de casamento. Por isso, por tudo isso, empurrei-a, de camisa de noite, rendilhada e rasgada pela força dele, para fora do quarto, para fora de casa, descalça, para o meio da cidade de Lisboa, noite ainda, sozinha, sem memória mas plena de instinto, correndo pelas ruas, cruzando todas as praças, a noite adiantada, farta, cansada de ser noite, e ela chorando, num gerúndio com perfume alentejano, chorando escrevo novamente, apoiando-se nas paredes das casas, num automóvel estacionado, subindo a calçada, desnorteada, com o vermelho do sangue diluindo o olhar doloroso e lacrimal, avançando sempre, comigo por perto, indicando-lhe o caminho, abrindo a luz dos lampiões, do sol nascente que sobe por detrás do Castelo, indicando-lhe uma outra casa onde dorme um outro homem, ainda fresco e de braços abertos, onde a poderei deixar por algum tempo e onde a memória fará o seu trabalho: restituir a ilusão de que o mundo existe. Mas neste caminho doloroso, escassos minutos, talvez trinta, não me lembro, o tempo antigo produzia um efeito contrário à urgência de chegar. A cada passo, a cada desequilíbrio, Bela acoitava-se diante das palavras que assomavam na sua voz, na sua pequena voz hesitante, como que falando consigo própria, como se o som emitido germinasse um coro de mulheres nuas, histéricas, um coro de mulheres que, sendo ela, eram todas as mulheres que alguma vez amaram um homem. E na ladainha de palavras que essas mulheres gritavam num silêncio vasto, terreno, sangüinário, Bela ouvia o nome do segundo marido, do primeiro marido, do pai, do irmão, e depois da terra. Do primeiro lugar, porque a verdade só existe no primeiro lugar que amámos e esse lugar físico é maior e ocupa mais espaço que qualquer amor invisível e febril. Talvez que, diante dela, numa dessas ruas inclinadas de Lisboa, assim, de repente, se abrisse uma porta ou um céu de

brumas matinais e do interior lhe surgisse a charneca, depois a casa e por fim a cama onde sonhou as coisas que depois aconteceram. Mas o Alentejo estava tão longe dela como presente estava o corpo magoado, já escuro num sinal aberto de violência, presente na geografia exterior do seu corpo magro, pequeno, moreno, cansado, mas vivo e no gerúndio da dança e das palavras, correndo, correndo, como quem corre pela vida, pela fuga, pela sombra que nunca se perde, nunca se abandona a não ser a minha, mais alta que a dela, sem nome, mas ali, de homem, que lhe diz por onde ir, como chegar ao destino particular que lhe permita a salvação — por agora. Porque esta corrida, entre a casa do segundo marido e a casa do terceiro, era o início do nosso conhecimento. Meu e dela. Bela e Vicente, os dois. Era o encontro possível. Eu correndo atrás dela, como acabei por correr até ao dia em que morreu, para depois voltar para trás e correr novamente, como quem, no esforço da presença, melhor lê, dissecar, vê, sente o instinto do outro, da verdade do outro. Como se assim, na corrida, ela não se apercebesse da minha presença e fosse mais fácil aproximar-me do interior que ela revela e no entanto esconde, porque é sabido que as pessoas que muito falam, pouco dizem. Escondem-se entre as palavras num jogo de cabra-cega. Assim, ela correndo, eu atrás, a cidade de 1925 adormecida, era o momento exacto para nos conhecermos. Porque ela precisava de mim e eu dela, porque eu tinha uma visão animalesca de um animal em fuga — não tinha aquela mulher de uma fotografia, sentada, olhos abertos, mão segurando o universo em forma de colar de pérolas, cabelo alinhado num desalinho moderno de época, não tinha aquele olhar de esfinge que não responde, mas pergunta. Na fuga, nas suas pernas cansadas e cheias de nódoas negras, eu via mais do que um corpo, via a alma exposta, completamente exposta à ideia de vida ou morte. É diante da equação que reconhecemos a exacta proporção dos outros e Bela, nisso, não era diferente, sendo que as suas diferenças brincavam com isso como quem brinca com um dominó. Se ela não saísse daquela casa, provavelmente teria morrido. De pancada? Não, não teria sido de pancada, por mais violenta que fosse, ou que a sua ofensa ampliasse depois, mas de constatação de que a violência, quando acesa, é capaz de irremediavelmente destruir a mais frágil das presenças, mesmo que essas presenças sejam irradiações misteriosas dum ser qualquer indefinido, que fechado num corpo chamamos de pessoa. Ela sabia-o. Ele, não. António, o marido, o militar, não sabia. Era impossível que previsse a sua própria ideia de medo ou fim. Naquele corpo talhado pela

convenção, o amor de uma mulher e o casamento eram tarefas e nunca passavam disso, pelo que, a cada estilhaço, a cada reflexo, em que Bela se colocava, ele reagia com a força dos inocentes. Batia-lhe como quem desfaz um castelo de areia, como quem chora a fuga dum cão vadio que durante dias se alimentou de carne e baptizou na esperança que ficasse por ali e aceitasse uma trela e um dono. Batia-lhe porque Florbela da Conceição não o via e, vendo, odiava o que ele era na realidade e ele sabia-o. Ele era finalmente a verdade. A pouca verdade. Talvez que gostasse de ter sido outra coisa, outro homem maior, do tamanho dos príncipes que ela invocava nos poemas, mas não era. Era simplesmente um homem, português, em todos os sentidos da filiação. Um homem onde tudo era suficiente sem nada ser demasiado, nem a beleza, nem a inteligência, nem o sonho. Mais uma vez Bela travestia a realidade e agora, que a realidade lhe cobrava dias e dias de monotonia, ela revoltava-se contra ela e desfazia o encanto. António deixava de ser o sonho e passava a ser um pesadelo. A violência veio logo depois, como filha da desilusão. E veio de forma intensa, intempestiva, sem jeito, avulsa, desnorteada, nele e nela, como reacção sem nome. Uma novidade para os dois. E como se vive uma novidade que não se conhece? Como se vive um espaço novo onde nunca se foi? António avançou por ela, como quem avança pelo incêndio e a cada gesto, havia um ressentimento e um alívio. Como se o amor, esse amor feito pancada, o sossegasse, a trouxesse de volta onde ele a queria. Só isso, porque era só isso que ele queria, no fundo, no fundo do homem, onde ele ainda é menino e nunca deixa de ser filho. Veio e ela recebeu-o. Primeiro como castigo, depois como redenção e por fim como morte. E foi aí, quando eu cheguei, quando finalmente cheguei, pronto a seguir-lhes os passos para voltarmos ao início e contar tudo outra vez, depois da morte, voltar e contar a quem não assistiu, que lhe sussurrei que saísse dali, daquela casa e fugisse. E ao fazê-lo, saí com ela, corri atrás dela, pelas ruas de Lisboa, agora sozinha, na madrugada, livre do marido, pronta para a terceira e última parte da sua vida, ou da sua morte, que há pessoas que vivem mortas e nascem depois da vida. E enquanto corríamos os dois, pensei se valeria a pena chamá-la e dizer-lhe que por ali os mesmos instantes seriam os mesmos instantes. E que nada mudaria, nada. Mas não podia fazer isso e deixei-a ir, correndo, gerúndios a mais, correndo, correndo, como quem corre para se salvar ou simplesmente para fugir à própria memória que voltava a pouco e pouco, como quem volta a casa depois de um dia em viagem.

E se no desamparo da manhã eu a guardasse nos braços e não deixasse ir? Aquela viagem de medo e fuga, era apenas um pronúncio ou seria ela própria a condição plena de Florbela? Fugir, fugir sempre, como um cavalo, como um pássaro, fugindo da própria sombra, como quem foge da real constatação da sua existência? Não sei se o tempo aberto no céu e nas árvores era primaveril, se chovia, se a neblina tinha subido as colinas de Lisboa. Mas sabia uma coisa. Se esta manhã reveladora fosse uma manhã de Abril, em tudo respiraria o histerismo da vida. Dos pássaros matinais que acordam o mundo, dos cheiros assassinos que inundam as casas e as vielas, do calor morno e reconfortante que o sol estende nas paredes e no chão de pedra escura. E aí, numa manhã assim, a vida cintilante, seria uma espécie de sino — sim, um sino a rebate na cabeça dela, como um sinal, um cântico e todas as razões que me levavam a querê-la naquela rua descalça, quase nua, sozinha e em sangue, teriam força e justificação. Por isso, Abril. Não existe mês mais imprevisível que Abril, muito diferente do mês de Dezembro em que ela nasceu. Cheio de frio e orvalho, geada, terra castanha, terra interminável na dormência e no sono da gestação. Um mês onde só nascem os bravos e os corajosos. Um mês derradeiro, quase no fim, para logo renascer em esperança até que a vida regressa aos soluços. Florbela, nesta manhã de Abril, era um desses pássaros ou raios de sol que corria por Lisboa. Corria para se salvar, para me levar com ela, para mais uma vez refazer um caminho que começara em Vila Viçosa e agora chegava ali, naquela terra de quimeras, tertúlias, literaturas, delírios e, no entanto, miragem de outras tantas vontades e vidas, e onde a sua se perdia nos mergulhos que a levavam e traziam, como um mar ou rio que viveu e navegou de norte a sul do país, nunca saindo das suas fronteiras vivas, mas livre, completamente livre, das suas falsas limitações. Florbela não precisava de viajar porque ela própria era o sentido da viagem. Ela trazia na sua consciência de pecado todas as possibilidades que são atribuídas a quem não existe. Sem nome de pai, sem nome de família, sem nome, filha do vento, do ar, de uma promessa, de um homem fantasma e vingativo, filha de uma mulher medrosa e desequilibrada, irmã de um anjo, criada por um desgosto. Florbela, na sua liberdade de bastarda, era tão livre como são os elementos e por isso, talvez por isso, diante do papel ou do mundo, ela não precisasse de qualquer outra coisa senão ela própria. Original na sua fala, perpétua na sua rotação, solar na sua criação. Alimentava-se da sua própria

existência e tudo o resto era apenas uma paisagem fictícia que apenas existia para a salvar da loucura que rodeia estas pessoas perfeitamente conscientes da sua presença. E nesta manhã de Abril, onde a coragem se fundiu no medo, Florbela era mais uma vez livre de escolher o território onde queria existir. Como se, no fundo, não acreditasse que o seu toque alterasse o vítreo pulsar da realidade que a envolvia, fosse por ausência, fosse por audácia, nada a fazia supor que ali, aqui, além, ela, presença real, importasse a quem quer que fosse. Porque ela sabia-o ou pensava-o, verdade seja, que estava e estaria sempre sozinha, como estivera e como estaria ainda. Desde o dia 8 em que nasceu, até ao dia 8 em que morrerá. Uma mulher como tempo verbal. Numa frase duas, três contrariedades em conjugação. Definida que estava, descalça, com a memória aos solavancos, Florbela parou. Cansada. Parou e eu parei com ela. Encostou-se a uma parede e respirou fundo. Cuspiu sangue. Limpou a cara, sentia o sangue correr-lhe pelo rosto. O cabelo molhado. Escorrido. Doía-lhe o cabelo. Como é possível? Mas doía-lhe, como as crinas de um cavalo que alguém castigou na tentativa de o domar e levar à exaustão. Aproximei-me dela, talvez que falasse aqui. Aproximei-me e ela reparou em mim ou na minha sombra, porque a manhã avançava connosco. Olhou-me de lado e perguntou-me quem era. Não respondi. Pediu-me ajuda. Apoiou-se no meu braço e depois no meu corpo. Disse-me que não se lembrava onde é que o Mário morava. Perguntei-lhe se tinha a certeza, se queria mesmo ir para casa do Mário.

— Porquê? — perguntou.

— Porque sei como acaba... — respondi. — Sei o que lhe vai acontecer, se for para casa do Mário.

— Se sabe, então sabe que eu tenho de ir — terminou.

Ela sabia. E eu também. Ainda pensei que podia mudar tudo, mudar uma rua de lugar, a cidade, o próprio corpo do Mário, transportando-o para outro tempo, fazendo cair sobre Lisboa um nevoeiro tremendo, tão denso que Florbela se perderia ao ponto de encontrar um rei qualquer, um encoberto que vive de névoa e lágrimas. Mas a questão primordial era exactamente essa. Ela sabia. Eu sabia. Não havia qualquer segredo, nem para ela, nem para mim. Se eu a invocava, hoje, aqui, sabia porque sabia, que na vida dos poetas, no passado em que foram vida e agora são tempo, apenas a evocação é possível — como um caminho desenhado no chão, como a maré que vai e vem, não

existe fatalidade que se alivie ou lua que se apague. Se eu a invocava ou evocava, sabia, tal como ela, que teríamos de refazer o caminho todo, os dois, como um ritual de morte e criação. Como uma despedida ou o fim da tarde de Verão, quando o sol perde o fulgor da estação e ganha contornos adocicados e nostálgicos. Eu invocara o fantasma desta mulher para melhor contar a sua história e ela aceitara. Mas a condição era nunca executar qualquer operação de resgate ou salvação. Ali, naquela rua, como poderia ter sido outra, Florbela, ensanguentada, era Florbela Espanca e fugia dum marido para se lançar nos braços de outro. Eu invocara isso com esta viagem madrugadora e iniciática. Se aconteceu, não sei. Ela saberá. Mas a verdade é que ela, ciente da minha vontade, despiu-se, entrou no quarto de António e como oferenda e sacrifício, sujeitou-se à terceira pancada que lhe apagou a memória e marcou o corpo. Uma, duas, três vezes. Ela sujeitou-se a tudo isso quando nos encontrámos numa biblioteca em 1986. Ela sabia, desde esse dia, que este dia seria real e esperou. Florbela esperou e eu vim, finalmente. E agora estamos aqui os dois diante desta revisitação. E enquanto eu pensava nisto, nesta efabulação possível de uma rua sem sentido, ela levantou a cabeça, olhou em volta e virou-se novamente para mim, esperando que lhe indicasse o caminho. Apontei na direcção certa e fiquei parado, vendo-a prosseguir a sua via dolorosa, pingos de sangue pela calçada portuguesa, pingos ou lágrimas tanto faz, que o corpo chora de muitas maneiras sendo que as mais impressionantes são as invisíveis. E antes que a perdesse de vista, segui-a. Devagar. Tentando ler-lhe no corpo aqueles anos de casamento, de amor perdido, de tentativa, de esposa e mulher falhada, de poeta reclusa, de irmã ausente e filha bastarda. Tentei ler tudo e não li nada. Simplesmente segui-lhe o perfume, porque ela tinha um perfume particular a campo e orvalho, até que reconheceu a porta e correu numa última prova de esforço e atitude. Correu e desabou sobre a porta, batendo, batendo, num pânico que me assustou. Estaria simplesmente fugindo do marido ou estaria também fugindo de mim? Bateu com força, olhou várias vezes para o céu ou para a janela do terceiro andar onde Mário Lage morava e chamou por ele. Nem por um instante se virou na minha direcção. Um instante que seja. No interior do apartamento, Mário Lage levantou-se da cama, colocou os óculos, vestiu o roupão e dirigiu-se à porta. Abriu-a e ela entrou no prédio. Desaparecendo, antes mesmo que o sol a devorasse de luz e calor. Desapareceu e entrou na sombra fresca do interior da casa cuja

vista era soberba e donde se avistava tudo o que Lisboa tinha de belo e tradicional. Eu fiquei na rua até ser calcinado pela manhã total. Não precisava de subir as escadas nem tocar à porta. Sabia perfeitamente onde continuava a acção do meu corpo e da minha voz. E esperei. Ali. Olhando a cidade que acordava devagarinho, onde o dia era limpo e inocente. No interior do prédio, numa espiral ascendente, degrau após degrau, Florbela subia na consciência delirante que aquele prédio era uma torre e que no cimo, do mais altivo céu, um príncipe a esperava de braços abertos para resgatar do inferno e da decepção. Um pé depois do outro, descalços, repito, porque um corpo descalço aproxima-se da terra com a fragilidade do ser. É como se, apenas assim, pudéssemos alcançar um estado de pureza que nos resgata da falsa aparência do mundo. Ela sabia-o. Ela teria tido tempo de se calçar, mas não o fez. Não fez absolutamente e com a veemência de uma ferida aberta que se atirava no momento incandescente da sua própria fraqueza. E assim que chegou ao terceiro andar e viu a porta aberta, Mário diante dela, brilhante na sua condição de pai e enamorado, envergando um lustroso metal que lhe cobria o corpo e iluminava o rosto quadrado, ela abriu-se em chaga e lágrimas e deixou-se finalmente sucumbir, amparada por ele, atropelando-o, sem palavras, em golfadas de dor, em sangue e vida e estrago. Um corpo saqueado que desejava a mais ardente redenção nos braços dum salvador, sem que o salvador pudesse por instantes que fosse ser apenas um homem ensonado, perdido, desnortado com tamanha façanha e certamente já prevendo o que dali viria ou virá, com aquela acção desmesurada e que cabia inteiramente no tamanho dela e no dele insuportavelmente pesada e anti-natural. Mário recebia nos braços a força desvairada de uma onda e não sabia nadar. Mas ainda assim, recebendo-a, como quem recebe o destino sem hesitação. E dizendo isto ou pensando-o, que não havia espaço para palavras, ele pegou nela ao colo com a ligeireza duma pluma e levou-a para o quarto onde a deitou, frágil, quase morta, reveladora na sua nudez, no seu olhar de princípios e no seu sangue que, ao tocar-lhe os lençóis, a boca, as mãos era já em si um pacto de juramento muito mais real que qualquer casamento religioso ou civil. Finalmente existiam no mesmo espaço. Um quarto na manhã de uma tragédia amorosa. O fim do amor. O princípio do amor. Mário e Bela. Um diante do outro, sem a desculpa e a mentira, sem a presença do embaraço e da vergonha. Ela avançara, fizera um movimento de aproximação, deixara o tempo e era

livre, outra vez. Ele sabia-o. Ela sabia. E eu, sem que nenhum dos dois percebesse, entrava na casa, não pela janela ou pela porta, entrava por aqui, pelas palavras que os dois pensavam e não diziam. Eu era o que nenhum dos dois podia dizer.



2.

Sentou-se na cama quando ele desapareceu pela porta. Diante dela, um espelho. Um daqueles aparadores em madeira escura, baixos, vazios, nada. Aquela casa era apenas um interposto usado de tempos a tempos pelo amante que vinha à cidade quando precisava. Uma casa órfã de mãos que a limpassem, de pés que marcassem geometrias, de vozes que aviassem as paredes. Diante dela um espelho e a solidão do quarto. Depois das ruas imensas, labirínticas, estava sozinha na forma de corpo vandalizado e olhava-se, como quem procura a certeza de que ainda existe. Via-se? Não, nada. Do outro lado não estava. Nem com o regresso da memória, nem com a força carinhosa do homem que a carregou até ali. Do outro lado do espelho estava simplesmente uma mulher morta, de cabelo desgrenhado, a boca cortada, o sobrolho cortado, a alma ausente e nem o movimento de levar os dedos sujos aos lábios surtiu qualquer efeito na superfície onde apenas se vislumbrava um fantasma. Uma ténue presença corpórea que se movimentava num ritmo de embalos e lamentos. A mão nos lábios, apenas isso, os dedos um a um, na vergonhosa e rúbea existência de uma boca que não conseguia dizer absolutamente nada. Mário reaparece nesse instante com uma tina de água quente e um lenço. Senta-se diante do espelho, quebrando-lhe a vista ou a visão de si mesma e volta a não sentir-se. E nem sequer o olhar

dele, preocupado, atento, aflito, a resgata da primeira mão de António que lhe acertou na face esquerda, ou da segunda mão que a agarrou pelos cabelos quando tentava alcançar a porta para fugir dali, do inferno de lençóis e promessas matrimoniais. Não se sente e nem sabe bem ao que vem. Ou se sabe, não o pronuncia com medo que se estilhasse como a figura sombria que há segundos a observava num espelho velho, com vinte anos, e que na sua história de vida não tinha alguma vez alcançado a vaidade de uma mulher. Mário limpou-lhe o sangue do rosto, refrescou-lhe as têmporas, beija-a ao de leve, como que reavivando o pulso de um moribundo, depois abraçou-a e deitou-a na cama quente. Perguntou-lhe se queria tomar um banho quente, se queria chamar a polícia, se queria ir ao hospital. Florbela não respondeu a nada e com nada reagiu a todas as perguntas que ele fazia em contagem decrescente, como se, no fim, quisesse apenas que ela soletrasse a frase — não quero nada, quero apenas ficar aqui contigo. Mas Florbela não respondeu, porque não podia. Ou não sabia como dizer essas coisas que ficam bem a uma mulher e que ela há tempos e tempos perdera a capacidade, tanto na vida, como na literatura, onde sempre fora mais corajosa. Um corpo deitado em cima numa cama é um corpo que se revela. Não precisa de dizer seja o que for. É simplesmente um corpo que acompanha a casa ou simplesmente desenha uma paisagem. Mais nada. Florbela deitada na cama daquele homem, bom, meigo, carinhoso, atento, era um vale e uma miragem. No regaço ancestral dos primeiros homens, esta posição havia inventado o amor. Agora, pedia apenas protecção e silêncio. Mário, perdido de candura e emoção, tentou tirar-lhe a camisa de dormir que marcava ainda o desastre anterior mas Florbela agarrou-se aos próprios braços, fechando as pernas, como se aquele tecido rasgado e encarnado de si fosse uma pele, a verdadeira pele da sua dor e da sua condição. Não existem vestes novas para dias novos, quando todos os dias somos apenas uma e a mesma coisa. E Florbela sabia-o. Ela vestia finalmente, despojada da sua vaidade, uma verdadeira armadura ou pele, como se quisesse chamar, ela vestia o resultado da vida e não um disfarce contra a vida, porque o interior da alma estava ali, realizada no tecido rasgado e nas manchas de sangue. Depois, fechou os olhos, enquanto Mário se ajeitava ao lado dela, sem apagar as luzes, sem dizer nada, como que fechando-a num círculo de protecção, digno, incandescente, como a capa dum livro, como o telhado da casa, como o céu da planície. Ele exercia uma profissão naquele enleio de pernas e braços que a sossegavam e ao mesmo

tempo arrepiavam. Porque eram os mesmos braços e as mesmas pernas num homem diferente, mas eram pernas e braços dum homem. E isso, por mais que Mário quisesse, não podia mudar. Os olhos de Bela abriram-se. Aqueles segundos de escuridão eram insuportáveis. Abriram-se e fixaram-se numa racha que atravessava a parede do quarto. E num primeiro e compacto pensamento, acreditou que ela era aquela racha. Um rasgo intenso, assimétrico, penumbroso e no entanto perpétuo — como ela. Aquela veia de destruição, como a linha de uma vida, a estrada, o vento, ela correndo na planície em pequena, ela e o irmão, ela sozinha, e depois o Tejo, ou a linha do caderno onde não escreve agora mas em tempos escreveu, e o verso. Aquela racha era ela quando tenta escrever um verso, ou amar um homem, ou amar-se na tentativa vã de não se deixar morrer antes do tempo. No fim da racha estava um quadro. Uma paisagem campestre, sem assinatura, sem identidade. Mas teria sido o olhar de alguém que ao ponto de admirar uma beleza mil vezes repetida se tinha tornado vulgar. A racha não continuava depois daquele quadro e no quarto de paisagem bucólica existia um riacho onde um homem e uma mulher descansavam. A racha era agora o riacho que desaparecia na dimensão dos olhos ou da ineficácia do pintor. Um riacho que podia rimar com racha e que podia rimar com Bela, se ela quisesse. E assim, tudo faria sentido. Mas Bela não queria rimar absolutamente nada, porque nada era ali razão ou explicação. A racha era desculpa, isso sim. Uma belíssima desculpa para Bela se deixar ficar de olhos abertos e pelos centímetros — dois, três — da racha espreitar-se por dentro. Agora que a memória tinha regressado a pousar no dorso da sua besta, agora que os braços de Mário a protegiam e saudavam a vinda, Bela podia espreitar-se e ouvir-se. Mas no interior do corpo, por vezes, não existe voz ou se existe é uma voz calada, que se silencia com a concordância da palavra. Só a racha parecia falar do quadro e do riacho e a luz do dia que explodia por entre as persianas da janela do quarto e entrava pelo chão, subindo lentamente a cama até lhe apanhar as pernas e aquecer do exterior para o interior, numa ansiedade visceral e absoluta. Era impossível dormir. Não conseguia. Como? Mário ressonava a seu lado, uma ladainha quase inaudível, mas presente, no seu pescoço. Bela permanecia acordada. A dor ainda carregava um peso que a cegava de sono mas não permitia o sonho. Se ao menos conseguisse organizar o pensamento, a cabeça, o que dizer ou recordar da noite passada, se ao menos pudesse descansar do que aconteceu e agora, tarde, nunca mais voltaria. Ou será que voltaria?

Será que António andava pelas ruas de Lisboa, como ela andara, numa loucura desatada, procurando-a por todas as ruas, gritando o seu nome? Não, não podia, não lhe fazia parte do carácter. Os homens não gritam. Eles consomem-se. António, certamente, estaria neste momento em casa, ainda no quarto, destruindo tudo à sua volta, como quem se revolta contra a ordem do mundo ou até mesmo infligindo-se uma dor superior, de macho, de deus, para que o perdão lhe chegue rapidamente, para que encontre esse perdão quando abrir as suas próprias mãos, e sem chagas ou punhais, ainda assim, encontre uma bela — que contradição — bela razão para a violência e o desamor e as fronteiras que destruiu. Para que possa continuar a viver depois disto e quem sabe amar outra mulher. O amor foi uma invenção masculina e Bela sabe disso. Porque apenas os homens conseguem abandonar um corpo para possuir outro. As mulheres, não. As mulheres nunca possuem nada porque foram feitas para dar. Por isso, tantas e tantas vezes, o que ela escreveu foi uma exaltação a esses homens divinos, que vivem para lá da verdade, que se ausentam de tudo para ser uma outra coisa: a imortalidade. E aqueles braços que agora a protegem estão certamente cheios de amor e carinho. Quentes, suados, viris ou não, mas presentes, desejosos, ansiosos e visionários. Em tudo, até naquele sono que Mário dorme, há uma presença atenta a cada movimento dela, a cada respirar, a cada suspiro. Mesmo que ele não perceba que ela ainda está acordada e olha para uma simples racha na parede do quarto. Mesmo que ele não perceba que no interior de Bela, a racha afunda-se e a rasga no interior sem fazer sangue ou deixar uma nódoa negra. Naquela manhã primaveril e radiosa, ele sonha — certamente — com a vida futura ao lado desta mulher que o enfeitou desde o primeiro instante e que ele deseja na sua vida. E ela, nesta manhã dolorosa, não sonha com nada porque os sonhos só nascem da angústia e da inquietação e hoje nada existe nela, apenas um silêncio que se acomoda num corpo deitado, num apartamento de Lisboa, sem uma mala de roupa, sem destino, deslocada mais uma vez, longe daquele riacho onde os amantes descansam num quadro mal pintado, fechado numa moldura barata.

— Queres comer alguma coisa? — perguntou-lhe duas horas depois.

— Não... não tenho fome — respondeu, ainda de olhos abertos e a manhã inteira estendida sobre a cama.

Mário levantou-se e saiu do quarto. Entrou na cozinha decidido

a fazer café. Talvez o perfume da água quente e do amargo sabor da cafeína lhe despertasse a vontade. Abriu a janela, respirou fundo, procurou os cigarros e acendeu o primeiro do dia. Olhou o Tejo e a Baixa, olhou a rua e o ardina, o primeiro automóvel que buzinou à velha que insiste em estender a roupa num varal que interrompe o trânsito — deve pensar que ainda está no campo, coitada — e sentou-se num banco de madeira enquanto o café se vestia. Esperou naquela manhã tão diferente, tão única. Há poucas horas tinha adormecido com a terrível sensação de que Florbela nunca viria, nunca teria coragem de acabar com um casamento para prometer-se noutra, no seu. E agora, ali estava, viva, corajosa, pensou ele, corajosa porque certamente teria dito e anunciado a sua intenção ao marido António. As mulheres possuem essa coragem dianteira. É como se o território delas fosse sagrado. Quando anunciam uma intenção, quando decidem qualquer coisa, essa coisa ganha o peso da própria mulher e de todas as vidas que a rodeiam. Bela, livre, estava ali, mesmo que trazendo o passado no corpo, mas estava ali, na sua cama. E era finalmente dele. Ou seria em breve. E isso deixava-o feliz. Muito feliz. Ou, pelo menos, com uma ideia mais clara e viva do que dizem ser a felicidade. E nesta ideia luminosa de amor e desejo — duas palavras mortas, portanto, de tanto repetidas — nem percebeu uma pequena nuvem cinzenta que se aproximava da cidade, vinda do outro lado do rio, provavelmente em formação, como é comum no mês de Abril, pronta a esclarecer o mundo que a Primavera e o tempo são de uma inconstância que apenas podemos comparar aos olhos dos homens. Essa nuvem, trazendo a chuva miudinha, crescia, diante da cidade e além da água, trazia uma pequena dúvida que se alojava no coração de Mário. E se Bela vinha porque não tinha alternativa? E se ela vinha porque ele a expulsara de casa, da vida dele, do casamento? E ela, sem norte ou ideia, sem o mano e o pai por perto, correria na sua direcção como quem corre para o interior de um regaço, para o eterno regaço das mães onde tudo é bom e nada de mau acontece aos filhos do mundo? Podia perguntar-se? Teria coragem? Bem ou mal ela não disse uma única palavra quando entrou naquela casa e caiu nos braços dele, nem quando a limpou ou deitou na cama. Ela não disse absolutamente nada. Apenas ficou ali, estendida, olhando a parede, respirando com dificuldade, como se quisesse passar despercebida, longe da vida, longe do toque dele que a cercava com carinhos

e ardor. Respirando devagarinho, como um animal que se esconde, para que não dêem por ele, pela sua presença inconsulável. E enquanto Mário pensava nisto tudo e se afastava do sorriso primaveril, aproximando-se da pequena nuvem de chuva, Bela ergueu o tronco, apoiou-se na cabeceira da cama, depois levantou-se, dolorosa mas viva, e saiu do quarto, procurando-o, como que sentindo o que se passava, já de si ansiosa, pé ante pé, para chegar depressa, depressa, antes que ele se fechasse diante dela e ela ali, naquela manhã, mais do que nunca, precisava dele. A mais poderosa das imaginações vive de um momento. Basta um momento e ela sabia-o e eu tinha-lhe dito, deitada na cama, olhando a racha e eu deitado ao lado dela, agora eu, sem braços, sem presença física, mas deitado, segredando-lhe, levanta-te, vai ter com ele antes que ele abra ainda mais essa racha e a casa se desfaça e tu te desfaças e a cidade engula este prédio e tu morras comigo que sou a tua sombra e a voz que te assusta e faz viver aqui e agora. E ela levantou-se, olhou-me nos olhos, sabendo — porque sabia que tinha de ir — e, sem mais nada, levantou-se e saiu do quarto. Mas antes de sair do quarto fez uma coisa. Aproximou-se da racha na parede. Tocou-lhe. Tentou colocar os dedos dentro dela, como se quisesse sentir a casa ou o mundo no seu interior. Ou como se quisesse entrar por ali adentro e desaparecer, fazendo parte da paisagem. Mas se havia paisagem onde ela pertencesse, não era certamente esta, muito menos a casa dum desconhecido e muito menos em Lisboa. Seria outra, e ela sabia-o. E mais tarde chegaria lá. Agora, sozinha, em pé, dois dedos dentro da racha, a cara encostada à parede, ela só queria reconhecer-se ou quem sabe fechar-se, a si e àquela racha, como que numa terceira oportunidade, aos 31 anos, precisava duma terceira oportunidade que as outras duas tinham-se incendiado depressa de mais, antes do tempo, antes mesmo de ela se consumir e a vida, se for vida, precisa de um certo tempo para pairar sobre alguma certeza, por mais ténue que seja.

Quando entrou na cozinha e viu Mário sentado num banco de madeira, desenhado diante da janela, fumando o segundo cigarro, aproximou-se dele para se salvar. Colocou-lhe a mão sobre o ombro queimado pelo sol — ele não se movera dali, hipnotizado pela nuvem onde baloiçavam as suas dúvidas. A mão dela acordou-o e ao virar o rosto na direcção dela, sorriu. Bela respondeu-lhe com a voz sumida, mas presente e viva.

— Fizeste café? Posso? — disse.

— Claro! — respondeu, com alguma alegria, com a exaltação de um simples gesto que se colava ao dela.

Levantou-se, puxou doutro banco onde ela se sentou junto à mesa vazia e, dum armário e de outro, ele puxou os laços invisíveis do quotidiano. O café estava pronto, o açúcar, uns bolos caseiros que tinha trazido de Matosinhos há dois dias, uma fruta comprada num merceiro ali da rua, duas ou três indecisões típicas de um anfitrião ansioso, olhou, avançou, recuou, pensou e só depois arrastou o banco dele até ficar perto dela, enquanto lhe servia o café quente e fumegante, cheio de vida, e sorrindo continuou no seu carrossel particular, alheado que ela estivesse ou não com ele naquela viagem simples e matinal. Como se tudo aquilo que agora se estabelecia em cima da mesa da cozinha fosse uma declaração escrita, uma intenção sem qualquer embaraço. A mesa como novo mapa do mundo refeito naquela noite. Da violência e do sangue renasce um pequeno-almoço simples e eficaz. O preço ficou no corpo de Bela. Vencida que está a prova, ou talvez não, este ritual era muito mais do que se supunha, era a realidade que os amantes haviam sonhado entre camas e orgasmos, era a verdade depois do sexo. Era, finalmente, o que era.

— Como é que queres fazer? — perguntou-lhe Mário.

— Não sei.

— As tuas coisas...? — continuou.

— Não. Nada — e bebeu o primeiro gole de café quente e o corpo acordou por fim.

Não querendo nada, do passado, da vida, de António, Florbela era agora um corpo sem identidade. Desnorteadado, Mário abriu o seu armário e procurou qualquer coisa que ela pudesse vestir, travestida numas calças arregaçadas, uma camisa grande de mais, um casaco que quase tocava o chão como um manto. Bela vestia-se de homem e assim vestida olhou-se ao espelho mais uma vez. Um homem. Bela era um homem cujo corpo pequeno se desajustava do vestuário e da sua condição feminina, ocultada debaixo de tanto tecido por preencher. Mas era um homem, o homem que provavelmente deveria ter sido, desde o início, desde o dia em que nasceu no meio do Alentejo, daquela mãe louca e daquele pai fervilhante. Um homem. Se tivesse sido um homem, teria sido tudo o que foi até agora? E teria sentido essa mesma vontade de escrever o que não foi, ou é, ou será? Se fosse um homem,

teria sentido na pele o rasgão de todas as suas decisões precipitadas? De todos os clamores que se levantaram sobre si e sobre os seus passos? Um homem, ali, era um homem pequeno, frágil, mas um homem vestido de mulher, ou o contrário, uma simples mulher vestida de homem, numa ridicularia ambiciosa para se escapar ao confronto com o marido António, que lhe batera como mulher e não como homem. E assim, vestida, sem mais nada que não este cadáver ambulante de roupa e fuga, aceitou apanhar um comboio com o amante e fugir de Lisboa.

— Partimos amanhã, deixa-me só tratar duns assuntos — disse Mário nessa tarde.

— Sim, claro.

— E o António? — perguntou-lhe.

— Há-de vir atrás de mim, há-de vir — respondeu, quase solene.

— E... tu?

— Eu? Nada, não tenho mais nada para lhe dizer e ele já me disse tudo — finalizou.

Na manhã seguinte, Mário e Bela fecharam a casa, desceram as escadas e, quando saíram para a rua, prestes a entrar num táxi, perceberam que sim, que a vida espera-nos muitas vezes, na esquina do tempo ou da cidade, pouco importa. Mas, espera e António esperou um dia e uma noite. Porque na manhã anterior, naquela manhã da fuga, ele também saiu de casa à procura dela, como se procurasse a vida interior da sua própria condição. E se é verdade que se perdeu e reencontrou, também é verdade que ele sabia muito bem para onde ela iria, onde estaria e com quem. Os dois homens conheciam-se e já haviam trocado alguns desacetos, como galos empoleirados na sua masculinidade emprouada. Ao sair do prédio, Florbela e Mário viram António encostado a um automóvel, fumando um cigarro, barba de dois dias, roupa desajeitada, como a dela, um corpo de homem em chamas dentro dum fato desarranjado que se precipitou no encalce dos dois. Mário pediu a Bela que ficasse ali, parada, enquanto ele resolvia o imbróglie. Aproximaram-se e na velocidade que antecipa qualquer confronto, gritaram um com o outro, agrediram-se, ela gritou, alguns transeuntes avançaram, outros observaram o espectáculo, tudo no reino de melodrama puro, como convém a todas as histórias de amantes. Bela, paralisada, concentrou-se nos dois corpos em combate. Um e outro. Ela existia finalmente no meio dos dois. Estava viva. Era isso que sentia. Viva. Estava finalmente viva a cada pancada, como se um

feitiço se tivesse desfeito depois da noite anterior. Ela ressuscitava na força desesperada daqueles dois homens, amarrados a uma convenção, a uma educação, a uma salvação para continuar este prazer (que ela sentia) que trazia calor ao corpo de Bela. Ela vivia na dor infligida — um contra o outro. E enquanto António gritava por ela, entre raiva e amor dorido, Mário tentava calá-lo, como quem cala uma hipótese de fuga, de oportunidade. Como se Bela pudesse ainda refazer todos os passos e voltar atrás, para casa do marido, como fazem todas as mulheres do seu tempo, mesmo que amarradas e violentadas. Mas Bela, diante da queda, possuía essa nobreza gelada que só vive da desgraça e da fragilidade. António era um corpo em queda e ela nunca poderia amar um corpo em queda que não fosse o seu. E nisto pensando, separados os dois homens por quem entendeu abortar a vergonha que se espriava no meio da rua, Bela aproximou-se do marido António para lhe explicar qualquer coisa que nem ela própria sabia muito bem, o quê. E dizendo isto, não explicou nada, mas anunciou. Que ia porque queria, porque tinha vontade própria, uma vontade que ele desconhecia ou nem sequer reconhecia como viva. Que ia porque era assim. E António, rogando-lhe por fim que não fosse, que não fizesse que não perdesse, que não o desamasse. A maior tragédia dos homens é pensar que o amor das mulheres é como o amor das mais — que nunca acaba.

Bela entrou no táxi com Mário. Deixou António sozinho, no meio da rua, os braços caídos, a cabeça em chamas, o corpo inerte, quase morto, derrotado na sua própria vida, gritando por ela, gritando pelo nome dela, para que toda a cidade ouvisse finalmente. Porque gritar um nome tem apenas uma explicação: a nomeação da sua presença, não como corpo, mas como alma. No táxi, Bela fechou-se mais uma vez, os olhos secos dando lugar a dois olhos humedecidos a cada novo grito dele, e se ela chorou, sim porque chorou até embarcar no comboio no Rossio, foi por ela própria. Chorou por aquele nome que ele gritara, como se ela própria, naquele momento, não fizesse a mínima ideia de quem era essa mulher de nome Florbela.



3.

Há uma ideia romântica que atravessa uma viagem. Um corpo que se ausenta do lugar é um corpo que procura um novo corpo. Todos os dias, o movimento é a única acção que perdura e que estabelece com exactidão a vida que nos alimenta. Dois passos, a mão que penteia o cabelo, a boca que se abre diante da manhã gloriosa, a primeira voz do dia — grave e sonolenta, da profunda caverna do sono — o pé que entra na banheira e que recebe a primeira água, a roupa que molda o perfume da vergonha, esse primeiro instante em que se movimenta uma porta, um copo, uma chávena. Uma viagem em permanente estado consciente ou de consciência. E quando a viagem sai de casa ou o corpo, a mesma coisa reflectida, o avanço é maior, vasto, enorme, porque a consciência é um átomo sólido, uma rocha diante do mar, e tudo trespassa o corpo e o corpo é verdadeiramente a sombra aberta ao molde quando a luz incide, a velocidade, a postura, a urgência. Alguém que se movimenta é alguém que pensa cada segundo de si. Bela, dentro de um comboio, diante de uma janela enorme, cintilante, é o pensamento em viagem. Nela caminha rapidamente a paisagem. Porque a paisagem não existe senão dentro dela e a cada prado, casa, vaca, nuvem, automóvel, homem de braço estendido acenando, é nela a construção imediata duma nova pessoa — a pedra movimenta-se alguns milímetros,

aproxima-se do mar que lhe bate, bate, bate, e refaz a superfície, cada vez mais sinuosa, cada vez mais real na sua capacidade. E o comboio, esse fogo-fátuo de milagres, esse inferno de exaltações estéreis, é uma obrigação. Porque a ideia de um corpo vago é tão frágil como o próprio vagão em cima de um carril de ferro e madeira. Por isso ou por causa disso, Bela, corpo em movimento líquido, refaz-se ou ilude-se na fé que esta viagem, entre Lisboa e o Porto — com destino final em Matosinhos — é como o nascimento caótico de uma biblioteca. Diante de milhares de prateleiras vazias, ela recomeça a contagem dos livros que são os dias que viveu ou não viveu e planeia-se, um a um, escolhendo-se — ela — numa organização nova que permita uma outra leitura de si e dos outros — neste caso de Mário. Uma biblioteca onde cada dia é um livro e cada livro é o sumário deste corpo. Porque a cada dia, um corpo ou pessoa é uma pessoa e um corpo novo e diferente e nenhum livro sozinho consegue o feito de alcançar a inconstância da vida, a não ser que as palavras impressas mudassem de lugar a cada leitura, ou desaparecessem ou simplesmente o livro se reescrevesse sozinho. Florbela tinha algumas horas, não muitas, mas algumas eternidades e paisagens para se incendiar e reconstruir. Entre o Ribatejo e o Douro. Estanque. Um rio de ferro. Com precisão. Fechada naquela roupa de homem, com um homem ao lado que não tira os olhos dela e um outro e mais outro. E uma mulher que estranha a sua aparição masculina. E a janela com Portugal a correr, a correr, terra, terra, ar, céu, e ela, no interior da cabeça, recomeçando tudo e indo a todos os lugares onde imagina o irmão, o pai, o marido, as melhores amigas, voltando lá atrás, avançando no prognóstico desta sua decisão e acção, pensando, questionando, deixando-se levar e trazer pelas más inclinações, pelo medo das palavras, pela incompreensão. Bela formava-se em nome e pessoa naquela viagem, peça a peça, sabendo-se agora livre e prisioneira do seu novo estado — de líquido novamente a sólido, como quando tomamos uma decisão que afecta o mundo e os outros e, pior, o amor ou a posse de quem nos tem e quer e vê. E se ela se moldava de novo, sabia que rapidamente este seu corpo novo teria de surgir diante dos outros todos, para que a vissem mulher e não fantasma errante. Existir é um acto que só permanece no olhar do outro. É a certeza, a única evidência, até na incerteza e desconforto do próprio ou da própria, neste caso de Bela, a mulher que abandona o lar para se lançar nos braços de um novo homem, mais um.

— Não queres comer nada?

— Não.

— Bela... tens de comer qualquer coisa.

— Porquê? — disse, fechando o diálogo. Cabeça inclinada, batendo no vidro da janela.

Um corpo não se deve alimentar durante este processo, pensa. Um corpo, o meu corpo, que ainda agora se refaz do deserto, não pode receber o alimento, porque o alimento ilude a verdade que deve nascer das areias quentes e ensanguentadas. O conforto é um acto de traição. É uma manta de aconchego e nada deve alterar a ordem natural das coisas, muito menos um bocado de pão com queijo, uma peça de fruta, que restabeleça a mentira. O meu corpo, este corpo magoado, tem de renascer da sua própria secura. É a única forma de sobrevivência possível, pensa. A única e real consciência possível. Só depois, só depois da verdade, da inteira verdade que se restabelece, deve o corpo alimentar-se de sonho — porque é um sonho tudo o que lhe damos, tudo o que retarda a podridão e a máquina do tempo em que o corpo se transforma com os anos e os dias. Só depois terei fome, talvez amanhã ou depois, não sei. Mário não escutava estas palavras, mas eu sim. Eu era a janela onde ela se encostara, tão perto de mim, tão igual, os dois, e no reflexo dela, dupla, gémea, eu vivia um pouco mais perto para ouvir o que pensava. Tudo o que aproxima duas pessoas reside na superfície do rosto. Eu escutava-a com atenção, procurando-lhe a fome, porque não queria perdê-la ali naquela viagem de comboio, tentando perceber essa montagem visceral que ocorria nos seus olhos, na boca, nas maçãs do rosto quadrado, nas mãos finas de lã e de linho, na roupa amarfanhada, na perna cruzada, nas costas curvadas. Esta era a posição circular de um pensador diante da vida. Uma conversa intensa e directa entre o princípio do corpo e o fim. Cabeça e pés. No centro, onde tudo acontece, é sexo, mar, dúvida e silêncio. Mas assim que o revisor entrou na carruagem e ela se mexeu, reposicionando o corpo e a cabeça, perdi-a. Reavivava-se num pequeno ponto no turbilhão dos outros. Mário estendeu a mão com os bilhetes, ela olhou para aquela acção momentânea e sem qualquer importância, mas mexeu-se. Depois olhou novamente para o exterior, mas por instantes apenas, voltando-se para o amante.

— Quanto tempo falta?

— Duas horas... mais coisa, menos coisa — respondeu.

— Tanto?

— Está quase... duas horas e depois ficamos juntos e ninguém se intromete entre nós. Tudo se resolve, Bela, não te preocupes. Eu trato de tudo.

— Tudo?

— Sim, tudo.

Apeteceu-lhe dizer, não, Mário. Não resolves nem tratas de tudo. Podes arranjar a casa à minha maneira, essa tua casa de família virada para o Atlântico, podes dar-me roupas novas, sapatos, chapéus, uma secretária, levar-me a todas as livrarias do Porto para comprar todos os livros do Porto, mas não tratas nem resolves tudo. Não me resolves a mim que deixei metade de mim em Lisboa, outra metade no Alentejo, outra metade não sei onde está e outra metade que ainda não encontrei. Sou feita de metades, cada uma inteira, cada uma Bela, e em todas elas falta qualquer coisa — um beijo, um abraço, uma casa, um entardecer, um poema. Em todas elas falto eu. Mas a verdade é que a coragem nas palavras de Mário surtiam um qualquer efeito musical, como se fosse ainda possível vislumbrar uma sinfonia delicada, uma perfeita metáfora feita sol e mar, ou véu e grinalda — coisa que ela nunca usou — coisa diletante e perfumada pela Primavera que a recebia a norte, quando a meteorologia escapa ao cinzento parado da realidade. E depois, Lisboa. Mais uma vez, outra vez, o centro do mundo fugia-lhe por entre os dedos. O centro da sua liberdade, tantas vezes ambicionada. Era como se, na verdade, a cidade não pudesse ser sua ou ela na cidade. De todas as vezes que a visitou, o destino por casamento, diga-se, encarregou-se de a tirar dali, do movimento cerebral da sua época, do talento fervilhante dos seus, da velocidade que a obrigava ou, por momentos, dava essa credibilidade fantasmagórica de que era ou estava mais perto do que sonhava ser. E assim, cada vez que a vidinha — teremos aqui de assumir vidinha — a arrancava da cidade, tudo se desfazia e deixava rapidamente de acreditar em si. Nunca, pois nunca, a cidade seria sua ou ela seria verdadeiramente a poeta da cidade onde uma marca de fogo calcinaria a fantasia para que a dor tornasse tudo real e concreto. Porque a poeta só é poeta quando os outros a chamam de poeta e ninguém, fora de Lisboa, a chamava doutra coisa que não fosse Senhora disto e daquilo, professora, filha, mana, menina e pronto. Nada. E se ninguém a chamava de poeta, ela não era poeta, era apenas uma imagem de si, viva é certo, mas uma projecção de si. Na cidade, nos tempos vividos na cidade,

ela teria ou teve, a acreditação corpórea de que nem a timidez ou o desprante poderiam ser outra coisa ou excluir uma actividade aceite e possível. Por mais que as cidades se fechem diante do negro e da combustão, há uma realização fértil de que o homem ou mulher, ou deus pequeno (neste caso) podem ser tudo o que quiserem e ela era, sim, era mesmo, poeta em Lisboa — livre. A liberdade permitia-lhe isso. Caminhar pelo Chiado, entrar num café, apresentar-se e anunciar-se. Como é mágico o momento em que uma pessoa se anuncia.

— Boa-tarde... sim... Florbela Espanca... eu? Poeta? — poderia anunciar.

Mas em Matosinhos, terra para onde avança dentro dum comboio, esse anúncio não ecoa em lado nenhum, porque os pássaros não acreditam nos homens. Será uma terra pequena, do tamanho dela, em corpo e movimento, para que possa viver sem a grandeza do medo e da loucura. Uma vida normal, como a vida dos outros, pensa Mário. Se eu lhe der uma vida normal, ela será finalmente uma pessoa normal. E feliz. Porque a felicidade é uma coisa pequena, uma jóia, que precisa de atenção e minúcia e não pode ser desbaratada em bravos e gloriosos actos de acção ou dança.

O comboio avança, digo. Avança com Florbela e Mário. Se pudesse, mostrava o que pensam ou como pensam a viagem antes do comboio. Aqui sedimentam-se apenas os trejeitos ignóbeis duma separação escandalosa. Uma carta seguira para Vila Viçosa com todas as desditas e ditas justificações. Pai, madrasta e irmão saberão de tudo, menos da dor — porque a dor não pode ser escrita. Nenhuma palavra comporta o tamanho da dor. Mas o resultado dessa leitura será uma dor aguda, intensa, de desilusão — mais uma — e Bela sabe-o. Mário sabe-o. Eu sei. Eu estarei na carta, no papel, os meus olhos — enquanto o pai lê — estarão nos olhos dele, no branco dos olhos, lendo-me e lendo-o. Morremos sempre quando lemos uma carta que se distancia e nos afasta do outro. Neste caso, Bela e o pai, ou Bela e o irmão. Palavras, palavras, palavras, som. Um som intermitente, duro, vago, que já nem diz nada porque o pensamento se forma para lá de qualquer justiça. É a primeira ideia que existe. Mas Bela, na sua fuga novelesca, queria agora, acima de tudo, entender o que a esperava no fim da linha. O comboio, depois de horas e horas de trepidação, aproximava-se de uma ponte que une as duas margens do Douro, atravessando-se para um outro lado, como uma outra vida

e era esta vida que ela agora tinha de abraçar e ser. O sol, incandescente e surdo, encerava de brilho o rio e as águas e algumas paredes de casas viradas para o mar — ao longe.

— Estamos a chegar, Bela.

— Ainda bem — pensou.

O corpo sentado tinha agora de se levantar, mover, adiantar e começar esta nova vida com este homem cuja profissão podia salvar doenças do corpo, mas não da alma. Ou podia? Não sabemos. Ela pensa que sim, que ele pode salvá-la e mais tarde escreveria sobre isso às amigas, aos familiares. Como quem acredita em farsantes e milagreiros. Quando o comboio parou e Mário iniciou a nova etapa da viagem, Bela levantou-se e limitou-se a segui-lo. A estação dos comboios atafalhada de gente, malas, entochos, gritos e pregões, mulheres de roupas velhas e cabelos mal apanhados, outras tantas com a modernidade curta nas saias e linhas direitas, miúdos de cara suja a pedir tostões em troca dos braços para carregar malas e malões — Bela no meio da azáfama, de todas aquelas caras sem nome, socorrendo-se em Mário que, à sua frente, abria caminho e projectava uma sombra que a protegia da luz e do desconhecido. Chegados à rua, entraram num carro de praça e Mário anunciou uma morada. Pronto. Era agora. Bela ouvia a morada da sua casa e não a conhecia, mas sabia que aquela seria, a partir de agora, a sua morada. Mais uma, depois de tantas, onde se perdeu e viveu ao desbarato e donde nada restou. Talvez que esta fosse a última antes da eterna. Talvez. Mário ainda lhe perguntou qualquer coisa, mas nem ela nem eu prestámos atenção. Era urgente chegar a um refúgio que lhe trouxesse um pouco de paz, depois da paisagem portuguesa, depois de tanta inércia do corpo e, ao mesmo tempo, rotação e redemoinho na cabeça acesa. Bela precisava de dormir, um sono longo, centenário talvez, para que o corpo se reabilitasse mais uma vez — sobrevivente de guerras sucessivas. Precisava de dormir muito, com a eternidade na boca para que mais uma vez acordasse disposta a viver tudo em espasmo e assombro, como quem acredita que o futuro é possibilidade real.

— Esta é a tua casa, Bela. Tua.

Bela olhou para a fachada da casa térrea, edificação novecentista, diante do mar, como muitas outras na rua, um pequeno jardim adiante, um outro atrás e depois uma duna e depois a praia e depois o mar. Mas antes de ela entrar na casa que seria a última, Bela olhou com atenção. Depois olhou para Mário. Depois olhou para a

casa. Naqueles instantes teria tempo de sobra para se arrepender? Sim, tinha. Um segundo é a eternidade consentida. Não há justiça maior que o imediato sabor das coisas. Depois avançou, a convite dele, passou o portão de ferro, subiu dois degraus e entrou na casa. Sombra. O sol dava lugar a uma sombra um pouco húmida de muitos Invernos rigorosos. Uma criada esperava-a, expectante, desnorteada (talvez) com esta visita abrupta que vinha para ficar sem malas, sem nada nas mãos, a não ser as mãos vazias e fechadas, suadas, no nervoso miudinho que as denuncia. Apresentações, casacos, uma visita guiada, perguntas decoradas, uma sala apresentável com um grande janelão e uma merenda cozinhada à pressa. Mário não sabia o que fazer, fazendo tudo, não dizia nada, dizendo tudo. Olhava-a, uma e outra vez, tentando adivinhar o que queria, como, porquê, quando, agora, já? E pela primeira vez, Bela sorriu. Primeiro sorriso sincero e rasgado. Era o janelão que a impressionava. Levantou-se do sofá escuro de pele, avançou até ao janelão e saiu para o alpendre. A vista era apaixonante. Uma vista que a transportava para outra imensidão. Aquele mar inconstante, revolto, azul profundo e cristalino, aquele céu carregado de nuvens e o sol brincando entre elas, aquele vento do Norte, austero, batendo na roupa estendida, na vegetação rasteira, levando as areias da praia e das dunas, aquele vento e aquele mar eram a planície dourada da sua pátria — o Sul. Afinal de contas não estava assim tão perdida, nem sozinha, estava acompanhada pela sua própria perdição. Quantas e quantas vezes existiu na planície com a voz calada e o interior da pele rasgando-se em palavras. Quantas vezes? Tantas que a paisagem não era simplesmente paisagem, mas um mapa de abecedários, de reticências e de sombras que ora brilham, ora se desmontam e ocupam o espaço que ela observa sendo o espaço ela própria. A consciência de si na paisagem. Por isso, Bela nunca sofrera de solidão, dessa solidão que as pessoas normais sofrem. A solidão dela é outra — é maior. É a solidão do universo diante da sua própria existência. Ali, em pé, o vento na cara, o mar azul, o Mário atrás dela, com as suas mãos delicadas nos seus ombros frágeis de gazela, o sol e as flores espalhadas pela terra castanha e tratada. Espera, pensou, espera. Posso ser aqui? Posso ser aqui outra vez. Tenho a grandeza deste espaço todo para ser outra vez. Posso recomeçar aqui. É como se recomeçasse tudo, a vida, as palavras. Por exemplo — disse-lhe eu nesse instante — imagina que nunca falaste

na vida. Que nunca disseste nada a ninguém, sequer um — amo-te — ou qualquer outra evidência. É como se aqui, assim, pudesses nascer de novo. Nasce, Bela. Nasce de novo, com uma nova pele ou com um novo sangue que o outro, aquele derramado pelas ruas de Lisboa, estava gasto, esbranquiçado de tanta viagem dentro de ti. Deixa que este mar do Norte, este vento, estas mãos que te seguram para que não caias, nasçam em ti como uma primeira vez. Lembra-te. Tudo o que disseste e escreveste até hoje. Apaga. Apaga tudo. Se apagares tudo, és uma página em branco — tu. És um livro novo, uma árvore ainda, uma semente, a terra molhada, a mão de deus que planta o mundo, o mundo em bola de chamas que nasce dum universo em caos e luz. Nasce, Bela. Nasce.

E Bela sorriu diante do mundo. Sorriu e permitiu-se uma nova vida. Podia ser outra vez o que sempre sonhou. Talvez não o sonho em si, porque nos sonhos, o corpo não existe, mas uma versão da sua cabeça — do interior da cabeça — em que aceita os elementos como parte primordial da ficção que é e somos e ela que sempre foi, desde o dia em que escreveu o primeiro poema, passou a ser. É que escrever poemas não era nada comparado com ser o poema e Bela era o seu próprio poema — escrito na pele e por isso tanta mudança, apagamento, verso revirado, de sítio, de forma, de lugar. Uma mulher como um poema, que se escreve a si mesma todas as manhãs. Era isso que ela era e ela sabia-o bem. Talvez Apeles (e aqui celebramos o corpo de Ícaro) soubesse porque fazia parte da mesma constelação, mas mais ninguém sabia, nem o pai. Tudo isso, era ali — verdade. Por isso sorria e, sorrindo, virou-se para Mário, abraçou-se a ele, ao seu corpo longo, forte e fechou os olhos quando o beijou. E aqui o mundo fica em suspenso. Quando os amantes fecham os olhos num beijo, o mundo pára. O mundo, o tempo, a vida. As forças fundamentais da escrita param. Este texto pára.

4.

Do misterioso facto nasce um misterioso sinal. Vestiu-se com rigor, porque um casamento por igreja assim o exigia. Não levou a sua cor favorita, mas levou a tonalidade do ocaso, do sol aquecido no dourado do trigo. Um véu tímido e *bouquet* de flores campêstres. As suas favoritas. Mário e a família assim o exigiam — por tradição, como exemplo. Para eles, esta celebração era a primeira e fazia todo o sentido. Para Bela era a terceira. Dois divórcios e dois escândalos. Duas derrotas. A terceira, numa mulher alheada das coisas da igreja, justificava-se ali, numa igreja. Não sei, até hoje, como conseguiu. Provavelmente terá mentido, mas todas as mentiras são válidas quando se procura a redenção ou o amor. Todas. E a maior de todas elas era a mentira que se dizia ao espelho naquela manhã, quando se vestiu, maquillhou, penteou, pronta que estava para a cerimónia. O acto consistia num ritual com almoço de presentes e convivas logo a seguir, no salão da casa, onde a família dele estaria presente e a dela nem por isso — se estivesse seria em espírito, coisa de que Florbela duvidava. Ainda assim, este dia de celebração trazia qualquer coisa de invulgar. Bela entrava numa igreja para jurar diante dos homens e de deus o seu compromisso com o casamento e com Mário. E vê-la descer o corredor central da igreja, ajoelhar-se diante dum altar, rezar baixinho, repetir as palavras do prior, olhar o marido,

colocar um anel no dedo, depois beijar o marido, depois descer o corredor central, depois entrar a rua cheia de gente e o sol como testemunha teria sido ou foi um acontecimento digno da tragédia e da tristeza. No dia anterior à boda, enquanto ela dormitava num sofá que Mário havia comprado para a sua salinha de escrita e biblioteca, aproximei-me dela devagarinho e perguntei-lhe — porquê? Ela que havia nascido da mais comum das bastardias, ela que não tinha pai reconhecido, ela que casara duas vezes pelo civil, porquê agora? Porquê a presença de deus? Ela abriu os olhos e mirou-me de alto a baixo. Quem era eu, quem queria saber? Expliquei-lhe que no meu caso descobri a literatura e deus no mesmo dia. Exactamente na mesma tarde de Verão. No mesmo dia de Agosto entrei numa biblioteca e numa igreja e com os dois espaços celebrei uma comunhão. Por isso, o meu interesse. Ela tinha sempre renegado essa igreja, tinha escolhido simplesmente a literatura como transcendência máxima de tudo o que existe e não existe. Bela olhou-me com desprezo, mas respondeu.

— A literatura salvou-me enquanto pôde. Agora só me resta deus — e virou-me as costas.

Por isso, quando entrou naquela igreja, sozinha, diante dos olhares curiosos da família de Mário, diante do olhar julgador do padre, diante de Cristo crucificado, ela gritava, na sua beleza mediterrânica e de mármore, um voto de confiança. Como se nadasse num mar alto e tudo aquilo que a rodeava fosse um céu de anjos com os braços estendidos, as asas abertas, como se aquela gente e aquele deus a tivessem recolhido da tempestade que, até ali, ecoara na sua vida — essa palavra morta de tão violentamente vivida.

Escutemos então a respiração dos presentes. O padre anuncia o corpo de Cristo. Pede aos fiéis que se arrependam de tudo o que fizeram de mal numa oração breve (como se fosse possível à brevidade e à culpa habitar o mesmo espaço) e todos se calam e baixam a cabeça. Bela não sabe o que é a culpa. Nasceu dela, é filha dela, como pode alguém arrepender-se senão de ter nascido? Quando se vive inteira dentro de um inviolável estado de culpa e depois se sai dela para olhá-la de frente e reconhecer que não existe se o perdão for concedido? A cabeça de Bela foi para outras paragens. A única culpa que sentia hoje, naquela manhã radiosa de casamento, era a falta que o seu pai e irmão lhe faziam. Naquele tempo de vai e vem, entre o divórcio de António e a boda com Mário, cartas tinham sido trocadas, acusações, decepções,

culpas (lá está) entre os três. Apeles e João Espanca (aqui registamos o nome do homem) não aprovaram a nova investida de Bela e cortaram relações com ela. Aí residia a sua culpa. Momentânea, singela, do tamanho do amor que lhes tinha — mas nada que deus precisasse de saber ou desculpar. Era um assunto subterrâneo que ia para lá das divindades e das escrituras. Ela e eles. A santíssima trindade da sua vida inteira. Nesses breves instantes de oração, Bela pensou nos dois. Será que eles — sabendo da data — estariam neste exacto momento a pensar nela? Provavelmente. Mas nunca lho disseram. Nem antes ou depois. Tinham escrito tudo o que era necessário em papel e pronto. Ela que fizesse o que bem entendesse dali para o futuro. Ela que, tendo as suas razões escritas a tinta e vergonha, que fizesse deles sombra ou presença e Bela fez sombra — e como tal, nem um nem outro compareceram ao casamento de Florbela Espanca Lage. E essa dor — porque é uma dor real — manchava o vestido tão bonito, tão cristalino, tão virginal, que trazia no corpo magro, no corpo de campo e flores, que ainda resistia à solidão que agora se instalava. Sim, solidão — finalmente.

— Sem o Apeles, sem o meu mano, sem o meu pai, estou sozinha, agora estou sozinha, estou casada, tenho uma casa nova, uma família nova, mas estou mais sozinha que nunca. Agora. Como nunca. Agora, estou... não, não estou: sou a solidão.

— E eu? — perguntou Mário.

— Tu és a única razão que me faz acordar de manhã, senão dormia para sempre.

— Não digas isso, Bela. Tudo se há-de compor. Eles hão-de vir a Matosinhos e tudo há-de ficar bem, vais ver. Acredita em mim — disse, num embalo infantil que quase a fez dar uma gargalhada. — Não me amas o suficiente para ser feliz comigo?

E foi aqui que acordou. Sobressaltada. Mário, ajoelhado a seu lado, tocava-lhe ao de leve no ombro e o padre observava-a por cima dos óculos. Bela tinha-se escapado para uma outra igreja — a dos seus imediatos dias invisíveis onde ela existe doutra forma e feitio. A cerimónia precisava de continuar, tinham de trocar as alianças, beijar-se novamente, sair, cumprimentar os presentes, meter-se num automóvel e fazer o caminho de casa onde um almoço faria as honras da festa e da alegria.

Na casa grande, florida, com o céu no interior, a música na grafonola, as crianças e um bolo branco e cheio de amor, os convivas taga-

relavam entre anedotas, histórias, o país e as coscuvilhices da região. Traziam no bater dos copos, nos pratos sujos, nos dedos açucarados, um casamento e a noiva, perdida por ali, por entre aquelas pessoas, de cigarro na mão — vício maldito — por entre a sua própria consciência de centro e furacão, deambulava, sorrindo, trocando meia dúzia de palavras, sem grande força anímica, pairando como observadora de si mesma, daqueles rostos ainda desconhecidos ou misteriosos que a seguiam de socapa, respirando a Primavera e o cheiro do mar que entrava pelo janelão aberto até se aproximar do marido, abraçá-lo pelos ombros, a cabeça dele no seu regaço, ele feliz de ela estar ali, perto dele, um sorriso, um espasmo — diria — e um afastamento musical, o corpo balançando-se para o exterior da casa e do barulho até chegar novamente ao alpendre, local mágico onde passava muito do seu tempo desde que chegara, e pronto. Sozinha, mais uma vez. Ali estava — diante do mar. Ela, noiva, vestida de espuma e ele — vestido de saudade.

— Parabéns.

— Obrigada — respondeu Bela.

— Foi uma cerimónia muito bonita. Pena que o seu pai e o seu irmão não tenham podido vir... mas, Matosinhos ainda é longe.

— É...

A mulher que saíra do interior da casa chamava-se Adelaide. Jovem, bonita, alegre, morena portuguesa, uma candidata ideal às amizades que Bela precisava de fazer naquela nova condição. Há dias que tentava aproximar-se, convidando-a para saraus, chás, visitas ao Porto, tudo o que fosse possível e que Mário lhe havia rogado.

— Adelaide, a Bela sente-se muito sozinha. Por favor, fala com ela, convida-a para qualquer coisa. Só se comunica com algumas pessoas e é por carta e eu quero que ela deixe de pensar no que deixou para trás e seja feliz aqui — pediu Mário, enquanto passava a mão pelo rafeiro que Adelaide trazia por uma trela.

— Não te preocupes, amanhã mesmo apareço de surpresa em tua casa e levo-a comigo. Vamos ao Porto, levo-a a lanchar e a ver as modas. Ela adora, que eu sei. Vamos comprar um vestido novo, um chapéu — sugeriu.

— Isso, faz isso, por favor.

E fez. Mas as primeiras tentativas não correram muito bem. Bela escusava-se sempre, com afazeres domésticos — que mentira tão grande — com trabalhos de escrita — outra mentira — com pedidos do

marido — a mentira total. Bela evitava, evitando-se, como se assim, no vazio da casa, ela pudesse estar e não estar ali, pudesse escapar-se nas cartas que escrevia, nas leituras, nas tardes bucólicas e desenhadas diante de flores e árvores, diante do mar. Como se a invisibilidade, à força da dedicação, fosse uma realidade. Mas, não era. E ciente que isso seria uma tarefa inglória e porque amava as palavras e as conversas, a pouco e pouco, Bela deixou-se levar pelas sugestões de Adelaide e ambas tornaram-se amigas — no sentido prático do termo, nunca profundo e visceral. Tornaram-se princesas de uma clausura que nasce no casamento e na condição de esposas.

— Florbela... parabéns.

— Obrigada — respondeu Bela.

— Foi uma cerimónia muito bonita. Pena que o seu pai e o seu irmão não tenham podido vir... mas, Matosinhos ainda é longe.

— É... trata-me por Bela...

— Bela... — ecoou na boca carnuda de Adelaide.

— Sim, Bela — e sorriu.

A rendição do casamento trazia algumas mudanças que Florbela precisava de aceitar. Pois que aceitasse tudo, até permitir que a desconhecida se convertesse em conhecida e de Florbela passasse a interpelá-la de Bela, como os próximos, aqueles que ela aceita que se esgueirem por entre um nome para chegar à mulher. Aquela conversa de circunstância, entre dois pratinhos de bolo de noiva, garfos, duas crianças brincando ao redor delas, como numa dança macabra de infância, tudo aquilo era uma presença tão delico-doce que Bela precisava de sair dali com medo de chorar. Não pela beleza da coisa, mas exactamente pela beleza da coisa. Dessa beleza possível e que só lhe inspirava angústia. Quanto mais feliz era o dia, mais infeliz era a ausência do pai e do irmão. Com um pequeno gesto de cortesia, Bela afastou-se de Adelaide, deixando-a sozinha no alpendre. Depois abeirou-se da duna, descalçou-se e caminhou até à praia. Adelaide ficou ali — estática, como que sem vida, mas ficou na observação curiosa, diante do mar e da amiga que caminhava sozinha e procurava o mar ao invés de procurar a terra e o casamento que celebravam no interior das paredes. Olhou-a com simpatia e alguma condescendência, daquele sentimento puro e infantil com que os mortais olham para os artistas, essa raça de gente com o diabo escondido no corpo, um anjo demolidor nas atitudes e a tragédia da vida no rosto. Essa gente que se oculta e revela

em tudo o que faz e que tem a ousadia pecaminosa de assumir tudo o que as pessoas como ela — Adelaide — temem dizer ou viver. Nunca serão perdoados, nunca. Mas Adelaide tinha alguma margem de sonho guardada atrás do penteado e dos ganchos que lhe prendiam as mechas encaracoladas. A saciedade era um fruto comum nas mulheres da sua condição, mas ela permitia-se alguma fome e curiosidade. Por isso, olhava Bela como um decalque de si mesma — se fosse a outra que vê no espelho todas as manhãs quando se aperalta para o marido. Bela, ali, esfinge diante do mar do Norte. Frio, mar frio de si e de aconchego. Mar que obrigava a quem o visse a ficar em terra, por respeito e temor. Adelaide sabia pouco, mas tinha lido. Um livro de Florbela Espanca, esse nome gravado numa capa, circulara pelos amigos chegados e tinha causado algum escândalo: surdo e incómodo. Mas tinha e Adelaide tinha sido uma das pessoas que lera o livro das mágoas — palavra mágica — e adorara tudo e em tudo se tinha encontrado em segredo. Por isso partilhava qualquer coisa com esta nova mulher que entrava na vida de Mário, o senhor doutor, mesmo que nunca, mas nunca pudesse assumir tal desígnio.

— Ela disse-te alguma coisa? — perguntou-lhe Mário entrando no alpendre.

— Mário! Que susto!

— Desculpa.

— Disse, disse que estava muito feliz — mentiu.

— Ainda bem — e voltou para o interior da casa, como o melhor dos anfitriões.

Adelaide ficou. Aquele olhar inquisidor de Mário só a deixava mais convicta e perto de Bela. Tinha de a proteger. Era uma peça rara, preciosa, frágil. Tinha de a proteger, até do marido com bom coração, mas ávido de todas as regras e preceitos que uma esposa deve ser, ter, acolher, dizer, fazer, enfim — morrer. Depois, cansou-se, talvez fosse a brisa fresca da tarde que chegava sempre à mesma hora, e voltou para o salão. Bela ficou na praia. Aproximemo-nos dela, então.

— No que pensas, Bela? — pergunto-lhe.

— Em nada — respondeu de olhos fechados, diante do mar.

— Não acredito.

— Não consigo pensar em nada, diante dele — continuou. — Olha.

E nisto apontou para o mar que continuava azul, mas cuja superfície parecia iluminada de qualquer coisa estranha, que ora surgia, ora

se afundava e voltava e desaparecia. Dei alguns passos até chegar perto da rebentação. Pequenas ondas traziam páginas e páginas de um livro, ou seriam vários livros cuja tinta se desfazia, confundindo com a água num negro absoluto e quase doloroso. O mar estava coberto de folhas de papel, escritas, completas e incompletas, rasgadas e escritas. Agarrei numa. Bela aproximou-se de mim, sem coragem de segurar com as mãos trémulas fosse o que fosse.

— É meu? — perguntou.

— Mas tu deixaste de escrever — respondi.

— Não, não deixei, escrevo todos os dias, tenho a cabeça cheia de escrita. Só não consigo pô-la no papel. É meu?

— Não sei... Diz-me tu — e passei-lhe uma folha molhada com um poema escrito que se desfazia. Segurou-o com cuidado, tentando descobrir-se nas palavras. Mas não me respondeu. Olhou a folha, olhou o mar, a respiração acelerou-se, depois olhou para mim com os olhos cheios de raiva, cheios de uma raiva eloquente, como só ela conseguia gritar no silêncio.

— Não. Não é meu! — deve ter dito, não sei — porque virou-me as costas e fugiu da praia.

E nisto, voltei-me para o mar e as folhas, os milhares de folhas que constituíam esta delirante metáfora tinham desaparecido. E pensei: só alguém que não escreve pode escrever assim. A escrita é uma doença. Uma febre. Conquista o mundo quando alguém lhe nega a escravidão. Florbela, recusando-se ou escusando-se na escrita, obrigava-se a vivê-la num inferno ainda maior — como miragem ou inferno, pouco importa. A verdade é que o descanso do livro, quando feito, é estanque, é como se escrever aprisionasse o monstro e como ela se recusa e não escreve, o monstro avança e ocupa tudo nela — até a própria sanidade. E esse é o primeiro passo na loucura dos homens. E pensando nisto, voltei costas e subi a praia atrás dela, refugiando-me na festa que terminaria dali a duas horas, por entre uma sopa quente e um pão com queijo.

Nessa noite, de núpcias, excessos alcoólicos e cumprimentos de circunstância, Bela e Mário fizeram amor. Não era a primeira vez, mas era. Como marido e mulher. Aos olhos da igreja e dos outros — tudo no seu devido lugar com a bênção de deus e dos homens da lei. Fizeram um amor silencioso, de lençóis, de vergonha porque ele assim o entendia e ela não procurava mais nada que não fosse a consumação

indolor da relação. Amaram-se como podiam, com alguma honestidade e delicadeza. Com carinho, que resumia a bem dizer aquele casamento. Com carinho, que é na vertigem do desejo a falha que mata quase sempre o amor e que aqui estava presente com a veleidade de um hábito. E sem perceberem como, nem com muito esforço, que dois corpos numa cama são dois continentes em colisão, amaram-se verdadeiramente naquela noite.

5.

Como é que a menina se chama?
— Florbela, Senhor Lage.
— Flor... Bela... nunca mais são horas...
— De quê, Senhor Lage?
— De qualquer coisa...
— Com quem é que o senhor fala quando está sozinho?
— Com os mortos...
— E eu? Estou morta ou viva, Senhor Lage?
— Viver... é não saber que se vive.

E depois voltou para o meio do canteiro, rodeado de pequenas flores, tristes, meia dúzia que resistiam ao sal do mar e ao vento do Norte. Bela deixou-se ficar sentada nas escadas de madeira que rodeiam o alpendre. Um livro no colo. Os dedos serpenteando o colar de pérolas falsas. O cabelo em desalinho, apanhado atrás. Um vestido azul. E o Senhor Lage, memória solta que vive da eternidade presente, diante dela, murmurando uma língua que ninguém conhece, a língua dos esquecidos, dos loucos, talvez a língua do caos e do universo — a verdadeira.

— E eu? Estou morta ou viva, Senhor Lage?

Ele podia não ter dito nada. Podia ter olhado simplesmente para

ela. Mais nada. Mas respondeu-lhe com as palavras que ela conhece. A vida estabelece-se assim. Existe no meio destas perguntas inócuas, infantis, desprovidas de qualquer sentido prático. A vida é por entre elas — na sua consciência, na sua passagem, na sua crueldade. Bela vive em Matosinhos com um homem que a salvou de outro homem, ou dela própria. Casou há um ano. Passou um ano entre este capítulo e o capítulo anterior. O espaço aberto entre os dois: a vida. Num ano, uma mulher reinventa-se todos os dias e é uma mulher diferente todos os dias. Se Bela se fotografasse (como o pai lhe fizera na infância) todos esses dias — ela diante dum espelho, por exemplo — todos os dias ela seria uma pessoa diferente. Ela. O corpo. A cabeça. O espaço que habita diante do mundo e até do marido e do sogro que vive com ela e que sofre duma doença qualquer que ela não percebe mas que lhe afecta a memória. Essa mesma memória que a atormenta, mata, persegue, sem descanso. Se ela se tivesse fotografado, saberia que não, não está morta, simplesmente é uma mulher casada que vive. Ponto. Na sua pacatez pueril, no seu quotidiano de pequenos afazeres onde ela ergue batalhas e moinhos, para que se sinta menos gratuita, mais veemente. E aquele homem, dia após dia, diante dela, é um reflexo de si mesma. Perdido na memória, sem tempo, um corpo à deriva. Como se vive, assim? Talvez que finalmente tenha encontrado a verdadeira vocação, o seu interior confuso, cerebral, umas veias que se confundem, uma cabeça em chamas, talvez sejamos isso, na realidade e ele apenas o vive — enfim. Se eu dissesse tudo o que me passa pela cabeça — pensa. Imaginemos que digo, verbalizo tudo, que todos verbalizamos tudo. O mundo seria um manicómio feliz de palradores, numa conversa infinita onde tudo se inclui e nada fica longe da boca. Onde a ficção é muito mais real, onde a imaginação controla todos os dias e todos os homens e mulheres do mundo. Se eu verbalizasse tudo, estaria provavelmente mais viva do que agora, que me fico, assim, em silêncio, observando tudo, lendo, habitando o dia e a noite, movendo-me como um fantasma por esta casa recheada de móveis, cortinados, uma salinha para mim, um quarto com um leito de casal, uma criada, um jardim de flores raquíticas, um telhado inclinado, uma rua onde passam automóveis modernos e mulheres de chapéu. Um fantasma que se desloca à cidade, deambula pela Baixa do Porto, entra nas livrarias para acariciar as capas dos livros sem tirar as luvas, fuma cigarros e bebe cafés olhando a paisagem do rio, as

paredes inglesas das casas, as mulheres roliças, os homens feios, uma ou duas manifestações de beleza, pouco mais. É.

Mas naquela manhã de Maio, sozinha, sentada no alpendre, com o sogro por ali, Bela também era outra coisa. Era a saudade.

— Porque não escreves ao teu irmão? — perguntei.

— Porque ele não me responde às cartas — murmurou.

— Diz-lhe isto que estavas a pensar, ele vai entender — insisti.

— Não, não vale a pena. Eu não estou viva, estou morta. Aos olhos dele, estou morta — concluiu.

E tinha razão. Aos olhos da família de sangue, Bela estava morta e ausente. Longe deles e longe da vergonha, do embaraço — como se fosse um fantasma enclausurado, preso, condenado — três versões diferentes da mesma realidade, porque uma não chega para segurar o seu espírito rebelde. Era preciso que algo ou alguém quebrasse aquele encantamento em que tinha sido sujeita pelo amor ferido do irmão Apeles. Finalmente era o que sempre escrevera. Não a mulher apaixonada, mas a torre de marfim — ela mesma. Uma torre solitária no meio da vida. Estéril, amada sim, mas só. A um passo ou dois daquela doença do Senhor Lage que todos os dias a arredava cada vez mais da vida possível e da esperança — essa palavra ridícula para aqueles que vivem da sombra. Ainda assim, existia e fazia por existir. Naquele mesmo dia, antes de se lavar e vestir, pouco depois de o marido sair para o trabalho — era médico, como já vos disse — tinha-se aceite como corpo e ao acordar, vendo-o dormindo, enroscou-se nele, no seu corpo. Quente, vivo, respirando profundamente, os olhos fechados e ela ali, os braços e as pernas muito juntas dele, gelada que estava, acorda sempre gelada, seja Inverno ou Verão, perto dele, procurando-o no calor da vida. E deixou-se ficar, quieta, calada, para que não o despertasse do embalo da manhã ainda precoce. Manteve-se uns minutos, talvez uma hora, naquela posição de amante e mulher, o corpo aquecendo, sentindo-se, talvez que a presença dele alterasse qualquer coisa em si mesma — uma combustão. E fazendo isto conscientemente, adormeceu. Horas depois, acordou sozinha na cama. Ele tinha desaparecido. Apenas ficara um perfume de homem na cama, alguns cabelos na almofada, o lençol amarfanhado, mas a colcha de renda, direitinha, tapando-a. Ele tivera o cuidado. Será que a beijou antes de sair? Será que a beijou antes de sair de casa? Do quarto? Levando um pouco dela consigo? Será?

Ele beijou-me, Vicente?

- Beijou, Bela.
- Como é que sabes? — perguntou, enraivecida.
- Porque o vi. Porque vejo tudo.
- Como? Como é que vês tudo?
- Porque escrevo e ao escrever: vejo — respondi.

Mário beijou-a antes de sair de casa. Depois de se vestir, depois do pequeno-almoço com o pai, os dois, sentados à mesa, Mário num esforço hercúleo e insensato de manter uma normalidade feliz naquela casa de fantasmas, depois de agarrar na sua pasta, antes mesmo de bater com a porta. Entrou no quarto. Bela dormia. Aproximou-se da cama, inclinou-se e beijou-a na testa. Foi assim. Pronto. Mas esse beijo de amor, dado todas as manhãs, pelo marido sensato e cordial, pelo homem salvador, o príncipe do Norte que a resgatara em Lisboa, pouco avivava Bela naquela tarde, frente ao mar, onde tudo se repetia como o calendário das marés. Ela lendo, o Senhor Lage desaparecendo, ela perdida nos seus gerúndios apaixonados e agora mornos e sumidos, o tempo sem marcação ou afazer, ali, sentada, tanto podia ser aqui ou ali, este livro ou um jornal, tanto podia ser uma flor ou uma foice, tanto podia fazer sol ou chover, era exactamente tudo igual ou parecido ou indiferente para uma mulher que perguntara a um homem sem memória se estava viva ou morta. E pior que isso, talvez a parte abissal e ternurenta, ela tenha deixado escapar quando ele lhe disse que falava com os mortos. Curioso. Esses mortos que andam por aí, no meio dos vivos. Mortos que ela sente na pele — como não? A mãe e a mãe Mariana. Essas duas mulheres maternais e ausentes. Talvez, também ela, descarnada, esteja morta afinal. Tão morta como elas, porque não escreve, porque vive numa terra estrangeira, porque não sente. É costume dizer-se que diante da adversidade, os poetas e escritores escrevem melhor. É a melhor terapia contra o medo e a preguiça. Precisam de sobreviver ao esmagamento do real, da vida, e escrevem como quem se escapa de si mesmo e da sua condição. Bela, não. É um caso diferente. Bela não escreve para escapar, mas para se acreditar. E sendo que por estes dias não acredita em nada porque não sente nada, não escreve. Está sonâmbula ou zangada ou morta. É uma escolha pertinente, mas misteriosa.

Horas depois, o sol posto, o jantar servido e a loiça lavada. Depois do marido no sofá, um cigarro e um folhear de jornal, um relógio que dá as horas de deitar e tudo se recolhe, Bela tenta. O Senhor Lage dor-

me. Mário dorme. A criada dorme. A casa dorme. Bela, não. Bela permanece acordada, com os olhos fixos no tecto do quarto, como quem se vê, branca, ausente, nua. Olha-se, projectada na luz que entra pela janela semi-fechada. Tábuas de madeira, uma cortina ou duas, quatro vidros e uma lua cheia que se espalha.

— Levanta-te e vai escrever — digo-lhe ao ouvido, deitado ao lado dela.

— Não — responde.

— Por favor, por ti. Vai escrever. Um poema, uma linha, qualquer coisa. Escreve uma receita de culinária, um prefácio, traduz uma página dum livro, mas volta à tua posição final — senta-te ou deita-te na *chaise-longue* e escreve algumas palavras — continuei.

Bela assentiu. Levantou-se, vestiu um robe azul, saiu do quarto e percorreu um corredor no escuro até entrar no pequeno escritório amaldiçoado onde tudo brilha em expectativa. Sentou-se. Diante de si uma mesa. Folhas soltas, alguns livros, um cinzeiro, cigarros e fósforos. Uma pequena jarra com flores do seu jardim. Um pisa-papéis, um gato de loiça com traços egípcios, uma fotografia do irmão, um lenço enrodilhado. Moedas. Um lápis deitado. É neste movimento que se acredita. A mão dela, alcançar o lápis, pegar nele, levantá-lo, o bico afiado para baixo, começar. Bela olha para o lápis. Acende um cigarro. Fuma. Mexe no cabelo solto que lhe dá pelas costas. Olha para a mesa, depois para os quadros nas paredes, para os livros nas estantes, para a janela fechada e a noite lá fora. Olha. Pensa. Evita-se. Procura todas as razões para não pegar no lápis. Levanta-se. Anda pela sala. De um lado para o outro, como — metáfora real — um felino enjaulado. Mexe no ombro. Passa a mão pela testa. Olha sem olhar para lugar nenhum — vaga, ansiosa, visceral. Procura-se. Bela procura-se num princípio qualquer. Esqueceu-se, será? Esqueceu-se que o poema vem, não se encontra, ele vem e nasce pela mão e fica — vivo. Não se pode ter consciência do poema. Nunca. Ter a conclusão de si é como abortar a força do nascimento. Não pode. E ela sabe. Volta a sentar-se, respira fundo — como se isso fosse sinal de coragem — respira novamente e aproxima a mão do lápis. Pega no lápis e endireita-o. Um movimento lento, mais lento que pensarmos em tudo o que significa. Uma vela dum barco, uma onda gigante, um corpo baleado que cai, o terceiro dia da ressurreição conforme as escrituras, o sol nascendo atrás da circunferência imperfeita da terra. Um lápis que é. Bela olha para o lápis enquanto agarra numa

folha de papel e depois de alguma hesitação escreve uma palavra e depois outra. Olha as palavras escritas. Não vê nada. Elas estão lá, mas é como se não estivessem. Cerra um pouco os olhos, é como se quisesse ver alguma coisa que não existe. Os lábios tremem-lhe. Amarfanha a folha de papel — podemos ouvir uma derrocada longínqua neste movimento. Algures no mundo, uma montanha desfaz-se — uma ilha afunda-se no mar. Bate com a cabeça do lápis no tampo da mesa. Olha para cima, depois para uma nova folha de papel onde escreve algumas frases de relâmpago. Pára. Lê. Serão versos? Não. São nados-mortos, palavras soltas, sem nexos na sua possibilidade. São frases que um cego poderia ler. Rasga novamente a folha de papel. Um céu de chumbo cai em cima de uma cidade. Milhares de mortos. Por cima dela, da sua cabeça em chamas, um fio de luz imperceptível desenha-se em presença. Sou eu. Olho-a daqui, do tecto, suspenso, como quem voa, porque quando um poeta pensa, tudo ao redor ganha contornos mágicos ou transcendentais. Eu escolhi voar, aqui, tentando ler ou ver o que ela faz, como desenha o braço, a mão canhota, o lápis, o cabelo que cai para o lado oposto à escrita, o corpo recolhido, um pé em cima do outro, descalços, ela inclinada sobre a mesa, o corpo atirado, como quem se prepara para a guerra e a mão escreve outra vez. E outra vez e outra vez. E o mundo encolhe e expande a cada tentativa. Um chão de folhas rasgadas e amarfanhadas cobrem o tapete da sala. Um mar de folhas, diríamos, em sintonia com a paisagem lá fora. Mas pouco importa o que consigo ler ou o que ela escreve. Florbela Espanca não consegue escrever nada. Ponto. É apenas isso, mais nada. O mundo continuará a ser e a viver sem ela. Não faz mal, Bela. Deixa isso. Anda, vem dormir, esquece. Amanhã vais até à cidade, compras um chapéu novo, tomas chá com a Adelaide no Majestic e ao fim do dia regressas a casa com um saco de livros. Lê. Isso basta para quem gosta de palavras bonitas. Basta isso, mais nada. Ser poeta é uma condição, não é uma tarefa, não implica nada que não seja estar. Por isso, larga essas folhas, esse lápis insuportável, essa mesa atafalhada de coisas que já nem prestas atenção porque são tão tuas que as detestas, e vai dormir. A frustração é uma coisa boa. Acalma os nervos, reduz-te e no fundo tu queres isso mesmo, reduzir-te ao ponto de o teu nome ser tudo e mais nada. Bela. É isso. Mais nada. Não precisas do resto, nem dos poemas, nem dos livros, nem da fama ou da publicação. Aceita essa inexistência como uma missão. És capaz?

— Sou...

— Então aceita-te — digo-lhe.

E nisto levanta-se, atira o lápis contra a parede, anda pela sala, às voltas, agarra os cabelos, passa as mãos pelo rosto, como se pudesse apagar-se, anda de um lado para o outro, deixa-se cair na *chaise-longue*, deita-se. Olha o chão da sala. Papéis e mais papéis, mortos, tentativas patéticas, vergonhas, filhos. Fecha os olhos. Aquela profusão de testemunhas agride-a. Fecha os olhos na tentativa que desapareçam. Não há nada. Medíocre. A realidade escancarou-se e ela não consegue escrever. Ou será a frustração da vaidade consumida pelo infortúnio, pela leveza com que sempre viveu, a loucura da publicação e depois o vazio. Se calhar acreditou que a poesia a pudesse salvar ou justificar. É usual nos filhos bastardos essa urgência. Justificar um nascimento crucificado pela igreja e pelos demais. Olhada como nódoa ou pecado. Olhada como a presença da culpa. Uma filha nascida assim deve porque deve justificar a sua vida — o milagre concedido e não autorizado. Teve sorte. Nasceu em consciência de si. Faz-te. Sê. Qualquer coisa, não importa. Mas existe. Só assim a vida te perdoará. Só assim. É nessa raiz que tudo nasce — a exaltação. Não tens apenas de te justificar ao mundo. Tens de te justificar a ti mesma, Bela. Não é? Como podes tu viver, quando tantas outras almas não? Ninguém esperou por ti com felicidade. Ninguém te viu como futuro, senão como embaraço. Uma desculpa remediada. Trazida de uma casa pobre para uma casa onde nada falta. Trazida dos braços de uma mãe para uma madrasta. Um egoísmo? Sim, és a personificação de um egoísmo. De quem? Pouco importa. Mas, és. Por isso escreveste, poemas, palavras bonitas, tentando organizar o mundo, tentando, sim, organizar-te no mundo e colocar-te nele como parte dum todo que não te sonhou. Não és o sonho de ninguém, senão teu. Por isso agarra-te a ti e sobreviverás. Agarra-te ao teu íntimo e nele sobreviverás. E nele, serás indestrutível. Porque só existes dentro de ti. O mundo é apenas uma visita onde te demoras. E dizendo isto, adormeceu. Cansada de andar pelo tempo, cá e lá, cá e lá, onde nunca se encontra.



6.

Não existe nada mais violento que as palavras. Sejam elas ditas, escritas, pensadas. As palavras efectivam tudo o que se é — apenas somos o que pensamos. Bela é uma imensidão enquanto pensa e no seu quotidiano, não é nada. Todos os dias segue uma rotina conventual. Todos os dias segue o mesmo caminho, faz as mesmas tarefas, existe apenas como reflexo do que é esperado. Ainda assim ela tenta ser mais esposa, dona de casa, amiga, guardiã de um tesouro cujo valor se desbarata continuamente. Matosinhos é uma pequena jóia onde a vida simplesmente corre com os salpicos infantis de um riacho. Muito diferente do bulício da cidade grande, muito longe dos rostos cheios de arte e loucura que ela conhecera na capital. Longe dos artistas, dos estudiosos, dos aristocratas, dos estrangeiros, dos bailes, dos clubes nocturnos, dos saraus e dos cafés. Longe, como num sonho que foi quase real e que se desvaneceu em minutos. A inquietação de Bela assumia contornos de depressão nesses momentos de nostalgia. Depressão e nostalgia andam lado a lado na vida dos poetas. Fazem parte. São irmãos. A vida desdobra-se continuamente e o poeta apenas se vê mais e mais em tantas existências que não pode fazer outra coisa que não ser odiar-se e amar-se na sua variação e impotência. Bela costumava ver-se nessas vidas paralelas. É uma espécie de jogo. Deitada, ao sol, debaixo dum toldo na praia,

os olhos semicerrados, e todas essas Florbelas diante de si, caminhando entre esta vida e as outras e nelas todas a presença: a original. Às vezes perdia-se de tal forma que acreditava piamente ter ficado lá, nalguma dessas realidades alternativas, onde a adoração era uma presença quase divina — o mundo de braços abertos diante dela. Em todas essas raridades — cristalinas, frágeis — Bela era amada e reverenciada ao ponto da anedota. Como uma criança que brinca na terra e constrói o mundo segundo as suas próprias leis. Assim era Bela e os seus mundos invisíveis. E se estes sonhos de menina pareciam ridículos e egocêntricos, também eram estes mesmos sonhos que alicerçavam a sua normalidade — a sua vida naquele tempo de mulher casada em Matosinhos. Imaginemos que tinha ficado com António. Ainda estaria viva? Pensava nisso muitas vezes. Talvez, que não.

— Estaria morta. O que não me surpreende. Sempre me vi um pouco como morta. Uma morta com espasmos de vida e desejo.

Estes sonhos tristes ou alegres, consoante os dias e as horas, eram o seu único exercício literário, os outros, ler ou traduzir, escrever cartas, eram mundanidades que ela simplesmente executava com a sabedoria dourada de quem domina a escrita. Mais nada. Não traziam ou adiantavam nada no seu interior. Todos os dias enviava e recebia cartas de amigos e amigas, com quem mantinha uma correspondência viva e confessional. Mas a verdade é que a verdadeira Bela resguardava-se nestas tardes solarengas, debaixo dum toldo de praia, para experimentar deveras o seu poemário particular. Como quem experimenta os limites do corpo. Como quem se atira de um penhasco. Tudo em discurso directo — ela por ela própria. Falando baixinho, os dedos brincando na areia da praia e o mar ao fundo. Um, dois pescadores, algumas crianças acompanhadas das amas e uma velha senhora de sombrinha que todos os dias vem procurar o filho que morreu no oceano há 40 anos e nunca apareceu o corpo.

Mário tentava. Fosse amor verdadeiro ou não, a verdade é que todos os dias ele voltava com a vontade de viver Florbela como quem vive uma história. Perfeita, suave, feliz. Todos os dias. Como se, à força de tentar ou de ter essa premissa férrea, a felicidade fosse alcançável como um sucesso. E Bela recebia essa vontade dele com os braços abertos, ciente de que alguma coisa poderia germinar daquele encontro. A única pedra de toque que permanecia entre os dois era o facto de ele saber que Bela não conseguia escrever fosse o que fosse. Não que isso o

atormentasse por demais, ou fosse um perigo ao casamento, mas essa presença quase física introduzia-se como uma sombra, uma terceira pessoa entre os dois. Mais no olhar dele, do que dela. Bela preferia até que não se falasse no assunto e Mário entendeu por bem respeitar o seu desejo. Mas aquilo — era. Mais forte ou não, irremediável ou não, mortal ou não, a construção desta presença coabitava naquela casa. Por isso, ou talvez nesse sentido maior, Mário tentava colmatar essa presença com a sua. Chegava sempre a horas, prometia passeios e convívios, abria a casa a quem quer que fosse, trazia amigos e amigas, promovia viagens pequenas ou piqueniques. Num esforço que ultrapassava a sua natureza, este marido era exemplar — copiado dum romance russo, provavelmente.

Assim foi e assim é — há dois anos. O tempo passa tão depressa quando se contam os dias. Sente-se. Ouve-se em todo o lado, até no corpo.

— A menina... como é que se chama?

— Florbela, Senhor Lage — respondeu.

— Flor... bela... nunca mais são horas? — continuou.

E pouco tempo depois, horas, dias, passou a perceber melhor a linguagem do príncipe da errância, aquele homem velho, mas ainda um príncipe altivo, senhor de uma figura tutelar, na sua perdição augusta, restos dum imperador certamente. Bela passou a compreender tudo. Ou porque finalmente falava a mesma língua ou porque finalmente se deixava contagiar pelo tempo que vive dentro do tempo. Por vezes saíam os dois. Ela e ele. Mário ficava a descansar e Bela levava o sogro a passear pelas ruas de terra batida que circundavam a casa. Descia e subia sempre a mesma rua. Não era preciso mais. Bastava uma rua para que o homem compreendesse o mundo todo e, curiosamente, a memória voltava avassaladora mas num registo sempre distorcido.

— Ali vive a Maria do Amparo — dizia.

— Quem é essa?

— É uma amiga da minha mãe — respondia. — Bela casa.

E no lugar onde ele via uma casa existia um armazém de pescadores. A casa, se existiu, há muito que fora demolida. Mas a casa, tal como ele a recordava e descrevia a Florbela, passava a ser muito mais real que o armazém onde os homens amanhavam as redes e guardavam os barcos nos tempos de vendaval. A casa, e outra casa, um chalet, depois um cão que ladrava muito e um muro onde brincava com os

filhos do conde e as laranjeiras. Tudo era passado e presente naquele instante e Bela, no seu exercício, via exactamente o mesmo que o sogro Lage. No fim, a memória nebulosa deste homem mais velho era um refúgio e uma ilha para ela. Se no início temia que a loucura pudesse distorcer-lhe a vida e o corpo, a verdade é que o amor encontra sempre uma existência que o salve e permanece dentro do homem ou mulher. A vida estava registada não só no interior, mas na pele. Aquela pele enrugada era uma biblioteca de memória, dessa imensa memória que fica e constrói a vida. Bela percebia isso quando ele fechava os olhos, inclinando a cabeça em direcção ao sol. Ela imitava-o.

— O sol é bom, faz bem.

— O sol é a única companhia que trouxe... — dizia Florbela.

— Trouxe donde, menina? — perguntava o velho.

— Do Alentejo. É o mesmo. É a única coisa que me reconhece aqui. É a única presença que sabe quem eu sou.

— Como é que a menina se chama?

— Saudade, Senhor Lage.

— Ah... bonito nome, saudade... — e abriu os olhos. Olhando-a muito sério, como se a reconhecesse finalmente agora que lhe dizia o nome verdadeiro. O nome verdadeiro dos homens e das mulheres é uma acção que permanece. O de Florbela era saudade.

Naqueles dias em que a vida é apenas nada — ou seja, acontece veemente, Bela reconstruía-se numa ideia de si. Uma nova mulher — outra mulher, portanto. Como se vestisse uma pele emprestada. Conduzia os passos e os gestos em concordância com a sua figura e posição. Tudo se baseava na realidade da casa e do marido. Olhemos com atenção para a sua presença. A criada faz a cama. Arruma o quarto. Dobra a roupa. Bela permanece junto à janela. Olha-a de viés. Procura nela uma razão qualquer para aquela facilidade. A rapariga, jovem, morena, despachada, sente-se observada e a cada movimento esboça um pequeno sorriso à patroa.

— Rita?

— Sim, minha senhora — respondeu prontamente.

— Tu... és feliz?

— Ahahahahaha — riu-me a catraia. — Ahahahahaha — continuou. — Devo ser, minha senhora, devo ser.

E saiu do quarto com as almofadas entre os braços encostadas ao peito. Bela ficou sozinha. A felicidade é isto, pensou. Uma gargalha-

da inocente. Depois apagou o cigarro e seguiu a rapariga pela casa, procurando-a. Encontrou-a na cozinha, cortando pão para servir um lanche ao Senhor Lage que tardava em voltar do jardim. Bela não lhe fez mais nenhuma pergunta. Ficou-se por ali. Olhando-a, como se pudesse espreitar a verdade. Pura, sem mácula, infantil, sem um pingão de dúvida. Um céu azul, diria. E ao mesmo tempo, densa, perigosa, mortal. Como uma gárgula que, aflita, destrói toda e qualquer possibilidade de inquietação. Bela podia odiá-la por isso, pela sua inócua presença — que, afinal, pensava ser diabólica porque sem a violência não existe palavra e sem palavra não existe amor. Por fim, Bela percebia a sua verdadeira condição. Era uma prisioneira. Fechada que estava por dentro e por fora. Não havia mais nada a fazer. Estava presa, mas acordada, ou consciente da sua prisão eterna. Poderia fugir o tempo que quisesse para a memória do Senhor Lage, podia fazer amor com o marido e jantar com duas amigas ou três. Podia comprar vestidos novos, aprender a cozinhar com mais preceito, podia até traduzir grandes obras de autores franceses ou pequenas obras, pouco importa. A verdade é que tudo, por antecipação, é previsível. Ela sabe, consegue dizer de olhos fechados tudo o que será e isso é asfixiar a pureza do acaso. Uma vida que se conta assim, toda, de fio a pavio, é uma vida de papel e Bela queria um pouco mais que isso, queria a poesia no seu todo. Por isso não pode escrever, porque a escrita nasce de uma agonia, é como se a presença de um templo se desmoronasse diante dela e na loucura do grito ela pudesse finalmente verbalizar o que a morte é. Escrever para enganar a morte.

Numa dessas manhãs embalsamadas, quando o corpo vagueia pela casa canibalizando tudo com desprezo e ruína, sentei-me na sua sala de escrever e esperei por ela. Uma espécie de anjo da anunciação, pleno, acordado, como quando me deitava na minha cama e falava sozinho para que o fantasma dela viesse numa invocação patética mas real. Esperei que entrasse e me encontrasse ali, no seu lugar de origem — todos temos um lugar de origem onde realmente somos alguma coisa. Ouvi a sua voz no corredor, falando com a criada, depois dois ou três barulhos — mexia em qualquer coisa, pouco importa, até que entrou por ali adentro e viu-me. Ficámos naquele silêncio alguns minutos. Ela passou por mim como se não me visse. Mexeu nas cortinas da janela. Os olhos rápidos e curiosos, até que parou diante da mesa — em desafio. Sem trocarmos uma palavra, disse-lhe, para que ficasse claro,

que permaneceria naquele lugar até perceber como é que uma mulher como ela, que não vive como eu, nós, consegue existir sem escrever. É que o mundo, esse mundo leitor, romântico de ideias fixas, de solidões gigantescas e que se refugia nos livros, acredita piamente que escrever é como uma maldição, uma demanda que os escritores vivem como quem vive em missão — coitados e, ao mesmo tempo, que bem-aventurados que são — luz, iluminados, luz, luz na cabeça dele, como se tivessem engolido um sol e se tivessem posto de baixo do mar — tudo assim, pleno, o sol e a água, numa poderosa e bela — eterna, claro — combustão divina. O mundo, esse mesmo mundo que lhe outorgava uma superior condição, queria agora saber — através da minha pessoa — como podia ela não escrever mais, desistir, ser apenas aquele fantasma caseiro e aborrecido. Tão pouco alentejano. Tão pouco moderno. Tão pouco filha da sua época.

— Porque é que insistes, Vicente?

— Porque é o momento mais importante da tua vida.

— Qual?

— Este. Este em que deixaste de escrever.

— Não te percebo e nem quero. Só quero que desapareças, sai da minha cabeça porque não existes. Nunca te vi em vida, não fazes sentido aqui, mesmo que me invoques e venhas à minha procura.

— Ando à tua procura vai para dois anos. Todos os dias. Passei os dias a falar contigo à espera que viesses e vieste.

— És louco. Mais louco que eu. Os mortos não podem ser invocados assim. Lê-me e basta. É o máximo que poderás ter de mim.

— Enganas-te. Posso ter muito mais, se me habitares.

— E como é que fizeste isso?

— É simples. Comecei por ler tudo o que foste e a perceber que o mais importante está nas entrelinhas. Nunca dizes a verdade total, porque sabes que a verdade e a escrita são incompatíveis. Todas as coisas que recusaste na vida foram sempre as que mais amaste e as que disseste ter amado foram as que mais problemas te deram porque não sabias viver com elas. Sofreste de uma doença mal diagnosticada ou nem isso, porque o corpo nessa altura era um território em expansão e o conhecimento era pouco. O território da cabeça então, nada. Ou estava nos primórdios, por isso — eu, sozinho — comecei por invocar-te como quem invoca um poema. Por exemplo. Saía muito cedo de casa e andava pelas ruas da minha cidade alentejana sem pensar nas horas ou

no destino — olhava tudo como se olhasse para ti e nomeava as coisas como se fosse o teu olhar a entender o mundo pela primeira vez.

E enquanto me desfazia nesta lengalenga, ela — Bela, Bela... — hipnotizada, ali, sentou-se e ficou. Conseguia finalmente agarrá-la por alguns minutos, sem que fugisse de mim como quem foge do medo — que sempre fora essa a impressão ou expressão da minha presença. Depois calei-me e ficámos diante um do outro — novamente em silêncio.

— Sabes o que mais me custa? — disse, finalmente.

— O quê? — perguntei.

— É pensar... para onde vão estes livros quando eu morrer. Não há orfandade maior que a dos livros. Um livro apaixona-se por quem o lê. Imagina, o livro vê a tua cara durante um tempo mágico — o mais belo dos tempos — enquanto o lê. E nesse rosto de leitura tudo acontece, deve ser o maior de todos os milagres na terra porque tudo acontece num rosto — os olhos apaixonados, amedrontados, a boca que simula o mar quando se mexe, as maçãs-do-rosto que ruborizam, assim, como os campos floridos no início da Primavera, quando lêem o desejo ou o amor — já pensaste nisso? Um livro apaixona-se pelo seu rosto e depois quando o rosto morre e o abandona, fica órfão. Custa-me pensar nisso. Depois o livro passa anos numa prateleira, colado a outros livros com quem estabelece uma nova história. As histórias dos livros misturaram-se todas enquanto estão ali, naquela imobilidade extraordinária, porque no interior de cada um o universo expande-se e nós só vemos as lombadas e as capas, ou cheiramos o pó que se deposita nos veios e nas folhas — o tempo, afinal. É esta orfandade que me faz chorar todos os dias, porque me sinto um livro assim — órfã, sentindo o tempo cair em cima de mim, abandonado pelo primeiro rosto que me leu — a minha mãe, agora o meu irmão. Acho que comecei a escrever para reencontrar qualquer um deles, mais do que a mim. De mim sei o que sou e onde estou. Sei tudo. Deles, não sei nada e sinto-me órfã, perdida porque não sei o que fazer comigo agora que me deixaram.



7.

Três consequências justificam uma visão: um rei, um poeta e um santo. Os três, divina trindade ou providência que rege o mundo como ele é, são capazes desta façanha transcendente (teremos aqui que utilizar todos os termos possíveis das escrituras — deus virá sob a forma de graça) — Bela inclui-se em todas elas: rainha, poeta e santa. O que aproxima ou explica a condição é a falha. Há uma falha que atravessa o corpo — por dentro e por fora — e, como tal, a luz tem esta possibilidade funesta e celestial de se manifestar sobre a realidade dos olhos — as visões propriamente ditas. Bela inclui-se aqui como centro epistolar — palavra solene. Tudo nela é o foco das probabilidades: tragédia e comédia, morte e vida, amor e ódio. Por isso, uma santa, que não é mais que uma mulher com a cabeça levantada para o céu, é a figura máxima desta aceleração em que Bela vive, procurando uma resposta onde tudo se explica — universo. Tudo o que não se explica aqui, existe onde o espaço nasceu. Por isso, poeta, porque não vê o que existe, mas o que é real e rainha, porque se ocupa da sombra de todas as coisas que habitam à sua volta. Isto tudo para justificar a maleita que a persegue — a ela e a muitos como ela — por estes dias de Verão — ou quase. Vejamos. Numa noite igual a tantas outras — frase copiada do dorso de um tigre — Bela aperaltou-se para sair. Era tarde, mas cedo. A noite prometia um

perfume de maresia convidativo — portas abertas, janelas escancaradas, brindes à saúde dos presentes. Prometia uma fuga que ela tanto desejava. Entre um cigarro e outro, entre um foxtrot na grafonola e um telefonema ocasional, Mário chegou a casa cansado e pouco disposto a celebrar a noite com ela. Queria sopas e descanso. Queria o recolhimento. Bela, na sua postura de feiticeira, observou os seus modos, as palavras vãs, a sua pouca vontade, a falta de energia, encostada a um aparador de madeira onde um relógio antigo segurava o tempo. Olhou-o, recebeu o seu beijo casto e habitual e viu-o sair em direcção ao resto da casa, onde desapareceu como se nunca tivesse existido. Hora de jantar. Quase pronto, diria.

— Queres beber alguma coisa? — perguntou.

— Não... vou ver o meu pai — respondeu e saiu.

Bela ficou parada — os olhos diziam coisas sem explicação. O fogo tem duas versões: a visível e a invisível. Se olhássemos o invisível dum ponto muito alto, quem sabe a lua, viríamos que o planeta é tão ou mais ardente que qualquer sol. A vida existe porque o invisível nos aquece.

E foi aqui, neste desespero solitário, como uma pequena jarra de cristal, abandonada no canto de um móvel, que tudo aconteceu — sendo que a fé ocupa o espaço possível neste relato pessoal. Bela aproximou-se do relógio de prata que permanecia em cima do aparador. Inclinou-se e, tocando-lhe ao de leve nos ponteiros, iniciou um daqueles actos derradeiros que costumam calibrar o sentido da humanidade: o tempo ao contrário. Como se o tempo, esse espaço interior que nos define, pudesse voltar onde tudo começou, ao início, ao primeiro beijo que a sua mãe terá dado ao seu pai, ao primeiro abraço, ao fulgor da cama, ao acto em si, ao sexo penetrado, à concepção. E antes mesmo disso, ao início do mundo, àquele primeiro dia ou noite — que ninguém conseguiu ainda perceber — em que tudo nasceu do amor violento da sua própria proximidade. É a teoria mais bela do universo. Um amor que — de tão forte — se expandiu e criou tudo. Bela, com os seus dedos finos e alentejanos, regressa a um sítio onde a sala não é apenas uma sala — é uma planície (imaginemos também) — como se fosse possível ler de olhos fechados. Uma planície onde ela avança, com o peso da sua própria surpresa, diante dum céu de cartas e mais cartas cuja única mensagem é um nome de homem: Apeles. Entre a exaltação e a surpresa, Bela está verdadeiramente no centro da sala e da planície. É uma e outra, a mesma realidade. E as cartas, que caem, numa dança sinuosa, por entre os móveis, são lágrimas, chuva, palavras, papel, pou-

co importa. São ela própria, caindo, na sua saudade, na sua dor, na sua procura imediata — o irmão. A ideia de alguém é apenas sustentável com o afastamento ou a aproximação. Um movimento em qualquer um dos sentidos cria ou destrói o que se sente. Bela, nesta sua vertigem alucinante, consciente diria, tenta aproximar-se dele, pensa:

— Se eu pensar em ti todos os dias, a todas as horas, será que me ouves? Que me procuras? Que sentes a minha falta e não aguentas mais? Apeles, diz-me qualquer coisa, responde-me. Mais ninguém nos ouve e eu preciso de ti. Eu preciso que olhes para mim e me digas que estou aqui e que existo, caso contrário, duvido. Duvido de tudo — até de mim. Por favor, rogo-te, responde-me. Ouves? Ouves-me? Onde estás? Em casa? Na rua? A fazer amor? A fumar um cigarro? A desenhar? A beber copos com os teus amigos? Diz qualquer coisa. Eu saberei — sinto. Eu saberei — sinto, sim, sinto se pensares. Basta que sorrias ou baixes a cabeça ou, então, basta que soletes em surdina o meu nome: Bela...

— Mana... — disse Apeles lá longe, em Lisboa. — Mana...

E nisto, Bela voltou à sala de estar, a Matosinhos, à hora de jantar, quando a criada lhe tocou no ombro e acordou daquela viagem. O relógio de prata estava exactamente no mesmo lugar e à mesma hora. Só Bela permanecia algures no meio da sala, sem razão aparente, de mãos vazias, o corpo em respiração acelerada, a testa ligeiramente suada, os lábios mordidos, assim.

— Minha senhora, o jantar está servido — disse a menina.

— Obrigada... — respondeu.

A criada voltou para a cozinha, deixando-a só. Bela olhou em volta. Nada. Nem as cartas, nem o irmão, nem a planície. Nada. É como se uma onda marítima tivesse levado tudo — até a credibilidade do sonho que é fundamental para os artistas. Tudo. Nessa noite de calor e vazio, Bela adormeceu na *chaise-longue* do seu escritório-refúgio. Tornara-se um hábito. Mário desculpava-a. Como se a criação fosse um acto solitário e doloroso. É preciso que fique só para que o poema nasça, pensava. Coitada, sentia. Sozinho, mais uma vez, na sua cama de casal. E ela, navegando pela casa, noite adentro, cada dia ou noite, mais perdida, à deriva, à deriva, procurando o nome do irmão nas paredes, nos móveis — quando estava mais desesperada, aproximava-se da janela e espreitava o céu — talvez que ele venha assim, pelo céu, feito anjo ou aviador que ele sempre gostou dessas coisas com asas e deuses. Talvez que ele

venha e aterre aqui, no meio da minha sala — cavaleiro andante — e que me resgate — não desta vida, que é uma vida boa, simples, mas boa onde nada me falta, mas que me salve de mim, que me perco, todos os dias um pouco mais e cada dia que passa sou menos eu, menos Bela, menos flor, menos mana. Se Apeles lhe pudesse dizer alguma coisa ao ouvido, seria mais ou menos isto:

— Mas eu não te posso salvar, Bela, porque eu estou tão perdido como tu. Estamos os dois, desde o dia em que nascemos. Estamos perdidos, desde o dia em que chorámos.

Mas Bela podia imaginar o que o irmão diria. Apenas. Como uma vestal, ela esperava que ele voltasse ou perdoasse — o que neste momento é a mesma coisa — e a levasse num passeio, isso bastava, num passeio de promessas e fotografias. Era só isso que ela queria. Passamos a vida debaixo de água. Todos. Passamos a vida afogados, lutando contra a corrente, contra o ar que se esvai dos pulmões, contra os movimentos presos que nos prendem a vida. Passamos a vida — náufragos, afundando-nos a pouco e pouco, até que desaparecemos para sempre e nos tornamos um coral no fundo do mar. Mas, por vezes, temos essa oportunidade solar de vir à tona da água, respirar fundo, um ar limpo, frio, mas vivo. E vemos tudo e sabemos onde estamos — perdidos. Mas sempre que isto acontece, acontece sempre porque alguém nos traz pela mão e essa mão não é mais que o amor. Só o amor salva. E pode ser um amor pueril, simbólico, construído, novinho em folha, um amor de flor ou bicho-da-seda que dura uma estação — pouco importa. O amor não é uma medida, nem uma fonte. É a fragilidade condensada que a qualquer momento pode quebrar-se. Ele não dura ou aguenta tudo — é mentira. Ele é raro exactamente porque é frágil. Diante de qualquer adversidade, ele desaparece e é natural que assim seja. Se fosse fácil ou duro, ou pedra, não seria tão desejado ou chorado. Não seria cantado ou escrito. Seria uma constância.

— E o amor que tu dizes que tens por mim e que é capaz de tudo? Esse amor não é nada frágil, Bela.

— Pois não. Mas isso não é amor. É outra coisa. Isso é ternura. E a ternura é a expressão maior da vida porque não reconhece mais nada que a sua função — não reconhece sequer consciência e por isso até os animais a possuem. E eu, sou um animal que cuida de ti e tu de mim e explicar um animal selvagem a quem quer que seja é matá-lo e embalsamá-lo.

Bela vivia num perfeito idílio de dormência e facilidade. Nada mais perigoso. A vida não lhe custava nada — pelo menos a vida prática e, como tal, tudo o resto era apenas suposto. A estratégia de existir era uma pluma ao vento sem destino qualquer, sem norte, sem gerúndios — para quê? O marido tratava de tudo, a casa tratava-se, tudo era e ela bastava ocupar o seu corpo. Mais nada. Por isso, culpabilizar-se ou vitimizar-se era um passatempo recorrente de todos os dias, entre o almoço e o jantar, quando ficava mais tempo sozinha e com pouco que fazer. E se fumava um cigarro, nesses momentos em que tudo pára, era muito pior. Como se o cigarro fosse a continuação de si — queimando, num fio de névoa que desaparece, subindo, subindo, queimando o papel, os dedos e o resto — ela. Depois, usando sempre o escape e dissimulação, Bela fugia com o fumo dos cigarros e regressava à primeira morada. Sim, era fácil planar e descer o país, avistar Vila Viçosa, as ruas estreitas, o palácio, a charneca onde a felicidade tinha sido fotografada tantas vezes, e a casa onde cresceram. Nessa casa, que ela via como se fosse um grande mamífero vivo e adormecido, continuava tudo na mesma — e era criança e o seu irmão era menino. Tudo resplandecia. Tudo era perfeito. Até a doença da mãe Mariana e as intransigências do pai. Tudo fazia parte e ela sentia-a com uma alegria maior. Até porque a dor, a dor imensa que marca e destrói, molda e perfura um ser humano acaba por ser a cicatriz onde se toca cada vez que existe o medo e a morte. Bela vivia bem com isso, com tudo e tudo tinha transformado em belas recordações. A dor era uma bela recordação e fazia parte dela como os poemas e os passeios, as diabruras do mano e os devaneios do pai. Tudo era mágico e trazia uma saudade tão grande que lhe apertava o corpo ao ponto de se sentir sufocar de tanta falta. E essa falta agonizava sozinha dentro de si — longe das outras pessoas que agora eram o seu presente.

Com o tempo, estas visões de santa, poeta e rainha tornaram-se mais frequentes. Seria impossível numerar todas elas, até porque algumas não consegui perceber. A minha referência eram os seus olhos — braços — boca. Por vezes ela dizia o que via, ou chorava alto, muito alto, ou ria. Outras vezes, ela pegava na mão e desenhava no ar — essas eu conseguia apontar na minha memória e construir a partir daí um corpo que as materializasse. Por exemplo: quando lhe contei que em criança sonhava ser um cavalo, ela riu-se e, em desafio,

recuou alguns passos e começou a correr, gritando o meu nome — e eu ali, parado, e ela gritando: Vicente, Vicente, Vicente! — e eu sem saber o que fazer e de repente quando pestanejei por um milionésimo de segundo, vi: ela não existia como Bela — no seu lugar um cavalo preto, possante, corria na estrada de terra batida, corria em fuga de Matosinhos. Um cavalo enorme, maior que os cavalos que conhecia, belo, forte, que corria cada vez mais depressa e eu, sem saber, comecei a correr atrás dele — gritando por ela: Bela! Bela! Bela! Espera! Destas visões que ficam para sempre, esta ficou especialmente gravada. Quando voltei a casa, dei com ela deitada no chão da sala, ofegante, ria, louca, olhava-me com a traquinice típica de uma menina de sete anos. Aproximei-me dela. Deitei-me no chão — a seu lado. Ri-me. Depois olhámos um para o outro.

— Quando é que me posso ir embora? — perguntou.

— Está quase. E eu? — continuei.

— Tu? — Sorriu e não me respondeu. Beijou-me nos lábios, levantou-se e saiu da sala. Fiquei ali, sozinho em forma de interrogação.

Nessa noite, dormiu na cama com o marido. Não me visitou no escritório. Não queria escrever, nem sonhar com a vida, nem com o irmão ou o pai. Não queria nada. Queria apenas ser mulher por uma noite. E foi. Mário amou-a e Bela amou-o como ele queria: entre a resignação e a dádiva. Nessa noite ela sabia que havia motivos para celebração que em nada deviam à sua vida de mulher casada. Ela sabia, porque tinha visto nos meus olhos aquilo que queria. Eu traíra o futuro. Na manhã seguinte, enquanto se preparava para descer até à praia com a amiga Adelaide e apanhar um pouco de sol, passou por mim e mais uma vez — em desafio — comentou: Está quase... E continuou. O pai Lage reparou nesta súbita alegria e chegou a comentá-la ao filho no pequeno-almoço.

— Aquela rapariga que vive cá em casa anda muito feliz.

— Quem, pai? — perguntou Mário.

— Aquela rapariga.

— Ah! A Florbela, pai, Florbela...

— Flor... Bela... bonito nome. Feliz. Tem um nome feliz. Só vejo felicidade no futuro dela — e depois voltou a concentrar-se na enorme chávena de café com leite.

Nada é mais perigoso e denunciador que uma manhã gloriosa onde alguém canta e espanta os espíritos da sombra e da morte. Mas

Bela não sabia isso ou, se sabia, desafiava-se diante dos elementos e principalmente de mim. Queria tudo, como sempre quis. E se durante algum tempo perdeu essa capacidade de querer e exigir o mundo na palma da mão, hoje, nesta manhã quente de Junho, ela não só exigia nada. Comportava-se como uma rainha, uma poeta e uma santa.



8.

A carta chegou pela tarde. Bela e Adelaide estavam na praia, de frente para o mar, sentadas em duas cadeiras de madeira, conversando sobre nada, quando a criada entrou pelo areal, acenando com um envelope na mão. Bela estranhou o comportamento. Mas se estivesse mais atenta, veria que toda a gente à sua volta lia com clareza o que lhe ia na alma — esse lugar luminoso e visível. O sobrescrito trazia no remetente o nome do irmão. Simples. Até a jovem criada sabia o quanto aquela mensagem era ansiada pela senhora. Correu, entregou-lhe a missiva e voltou para casa. Bela, surpresa, abriu o envelope e leu as palavras do irmão que finalmente se dirigiam ou reatavam um qualquer laço que havia sido quebrado. No texto, Apeles rogava-lhe que viesse ter com ele a Lisboa. Teria 4 dias de licença e precisava muito dela. Da sua voz, dos seus conselhos, da sua presença. Alguma coisa tinha acontecido que ultrapassava a zanga e a vergonha do terceiro casamento dela com o médico do Norte. Qualquer coisa muito grave. Só podia ser e Bela sabia-o ou sentia-o. Sempre tivera esse sentido apurado no que toca aos homens da sua vida. Uma fatalidade, porque isso coloca-os sempre numa posição reveladora, o que nem sempre é bom para uma mulher que sonha com príncipes encantados, homens perfeitos, heróis de capa e espada, a cavalo, prontos a salvá-la do mundo e dela própria. Apeles esta-

va com algum problema e Bela não podia recusar um pedido de socorro, até porque usaria a oportunidade para sair dali, visitar a capital, beijar o irmão e respirar um pouco de liberdade.

— É do meu irmão Apeles — disse.

— Mas isso é ótimo, Bela. Quando é que ele chega? — perguntou Adelaide.

— Não chega. Sou eu que vou.

— Como assim?

— Vou ter com ele a Lisboa. Vou sair daqui — e sorriu para a amiga.

Adelaide respondeu-lhe com um espasmo ligeiro, trapalhão, singelo ainda assim, que Bela percebeu e soltou uma gargalhada. Era claro para as duas que viviam na mesma terra, mas em mundos diferentes, que aquela praia era o fim de uma coisa — para Adelaide — e o princípio de outra — para Florbela. Era como procurar uma solução ou uma conclusão. Uma e outra são díspares e contraditórias. Num tempo aberto à cabeça das mulheres, à sua opinião, ainda assim, viver concretamente era muito menos interessante que o tempo recordado e do que ficaria como memória daquela época ou década — para o futuro. Adelaide, a vida dela, o nascimento, crescimento e morte passariam ao lado de Pablo Picasso, Virginia Woolf, Gloria Swanson, a Bauhaus. Haveria a modernidade nas revistas, nas montras das lojas e nas bandas que tocavam nas festas e bailes onde ia com o marido — mas era isso e só isso que a guerra lhe trouxera. Essa estranha forma de reconstruir uma vida que nunca tinha sido devassada por nada e que simplesmente era uma continuação bucólica e prazenteira da casa dos pais, para a casa dela e dali para a casa dos filhos. O mundo não é o mesmo mundo entre duas janelas, duas cidades, dois países e, muito menos, entre duas mulheres. Bela olhava o mar como quem olha para uma estrada cheia de possibilidades, um ideal de fuga, uma corrente mais forte e pronto. Vai. Era isso que ela sentia todos os dias, quando dava os seus passeios junto ao mar. Aquele grande tapete azul, estendido à sua frente, convidando-a a entrar e ir. E agora esta carta, esta mensagem de alforria, que lhe dava uma desculpa e uma garantia de liberdade — um doce, uma brincadeira, uma infância. Era nisso que ela se posicionava e como vivia aquelas palavras totais. Adelaide não fez mais perguntas nenhuma, mas Bela estava demasiado alterada e continuou.

— Já te contei sobre o meu irmão? Não? De certeza que contei.

Sabes que, quando ele era pequenino e veio viver connosco, ele não falava. Tinha medo. Tinha medo de tudo, menos de mim. E fui eu, um pouco mais velha que ele, que lhe ensinei tudo — as primeiras palavras, os nomes das coisas, foi comigo que ele conheceu o mundo. As árvores, os pássaros, a casa, os cheiros todos, eu dizia os nomes e ele repetia e depois comecei a ensinar-lhe os sentimentos e a escrever para ele ver. Eu escrevia a palavra — mano — e ele copiava. Ficávamos os dois muito tempo, estendidos na erva, ao sol, ele e eu, o meu pai a tirar fotografias e eu a ensinar-lhe tudo para que ele viesse e entrasse neste mundo — para que ficasse mais perto de mim. Se não, ele ficava lá, no mundo dele e nunca nos tínhamos conhecido. Já te disse que ele desenha muito bem? Sim, desenha muito bem. Desenhou-me a mim. Muitas vezes. É como se assim me conhecesse ou fizesse com que eu me tornasse naquilo que ele via. Cada um de nós vê o outro à sua maneira. Eu vejo-te duma maneira e tu a ti de outra. Nunca sabemos qual é a real, não é? Mas não faz mal, o importante é que assim somos muitas coisas numa vida só. Não é? Percebes?

Adelaide, perdida nas palavras de Bela, acenava que sim, sem entender nada ou, se entendia, fazia de conta que não. Era incomportável beber todas aquelas ideias duma vez só, levá-las para casa, e olhar o marido, o lar, a vida que tinha. Era de mais. Corria o risco de se matar ou enlouquecer e depois perguntava-se — como é que ela consegue? — pensava. Eu dava em maluca — continuava. Se pensasse assim, desta maneira na vida, o meu corpo ardia e eu desaparecia. E foi precisamente aí que Adelaide olhou com atenção para Bela que continuava absorta na folha de carta, lendo, relendo, engolindo cada traço que o irmão fizera, cada letra, como se ele estivesse ali dentro. Viu e constatou que não conhecia aquela mulher de lado nenhum. Em dois anos de convivência, não a conhecia mesmo, nunca a tinha visto, não sabia quem era, onde morava nem como se chamava. Se quisesse procurá-la, ou se fosse obrigada a descrevê-la, teria graves problemas ao ponto de a considerarem louca e internarem num hospício. Só podia ser. Bela, Florbela de nome completo, era uma verdadeira estranha na sua presença. E nada do que era importante para si, era para ela. Nem o marido, nem a vida de casada, nada. Adelaide construía uma existência feita de afazeres. Bela construía e destruía uma vida feita de perguntas, dúvidas, emoções e visões. Como se pode viver assim, como? — perguntava-se.

— Bela...

— Sim?

— Eu... às vezes olho para ti e tenho a sensação que não te conheço.

— Ahahahahaha. — Bela riu-se. — Porquê?

— Não sei, parece que estes dois anos são sempre dois segundos.

Os primeiros segundos de quando somos apresentados a alguém, parece que estamos sempre a ser apresentadas, como quando chegaste e o Mário fez aquele jantar em tua casa e nos conhecemos. Ainda estou aí, é verdade, ainda estou aí, atenta, curiosa, contigo. Como te moves, como falas, as tuas mãos que nunca param quietas, o teu cabelo que nunca está no mesmo sítio, parece mais revolto que este mar num dia de Inverno. Quando estás calada. Nesses momentos então, lembro-me, o Mário em pânico e eu sem saber o que dizer. É como se, quando estás calada, houvesse assim uma coisa enorme, uma pedra enorme entre toda a gente, é quase solene.

— Mas eu sou tão simples, Adelaide. Sou muito simples — concluiu Bela, curiosa, verdadeiramente curiosa com as palavras da amiga.

— Pois, não sei. Quanto mais simples tu és, mais complicado fica perceber alguma coisa, seja lá o que for, sobre ti — arrematou, finalmente.

Bela levantou-se da cadeira, pediu-lhe a mão. Adelaide estendeu-lhe os dedos cheios de açúcar e levantou-se. Bela dirigiu-se para a água, entrando no frio gelado do mar de Matosinhos. Insistiu com Adelaide que a seguiu. As duas descalças. Duas meninas. Bela passou a palma da mão pela água e atirou-a na direcção da amiga que soltou uma gargalhada. Bela sorriu. Pensou. Se não me conheces ainda, temos de voltar ao início. À inocência. É a única maneira de estabelecer essa verdade entre duas pessoas. Não existe outro caminho. Ou a paixão doentia, o desejo carnal ou a inocência e a infância. São as únicas amarras que nos revelam, tudo o resto é fogo-fátuo e miragem. Por isso, voltemos aqui, a este ritual pueril de raparigas, de meninas, de crianças, onde nos encontramos no mais puro dos sorrisos, na mais audível das gargalhadas, como se o mundo fosse nosso, só nosso, como a casa dos nossos pais, o quintal onde temos o cão e as galinhas, o pomar e as laranjas. Voltamos a aqui — onde a minha cara e a tua estarão livres de camadas e camadas de regras e preceitos. A tua cara é a minha cara quando esta água fria lhe toca e na resposta tu levas a tua mão ao mar e carregas com a palma da tua mão a mesma água que me toca a mim e faz rir. E assim estamos novamente nuas e já reparaste na parte

mais bela da equação? Água. O princípio. Todas as grandes histórias de amor ou amizade começaram no mar.

— Dizes-me uma? — perguntou.

— Uma? Muito bem... uma grande história de amor ou amizade começada no mar... olha... os gregos, por exemplo... a Odisseia, de Homero.

— Quem?

— Ahahahahaha nada, esquece, anda, vamos lanchar e celebrar a carta do meu mano e conto-te tudo sobre a Odisseia.

E voltaram para o areal, arrumaram as coisas, o sol tardava em esmorecer, tal era a felicidade de Bela, pegaram em tudo e subiram as dunas até ao alpendre da casa dos Lage. O dia permanecia intacto e Bela queria celebrar a boa nova e marcar na sua memória a felicidade intacta e serena que sentia naquele momento. A criada trouxe um chá gelado. Bela descalçou-se e deitou-se num cadeirão de verga. Adelaide sentou-se muito direita numa cadeira.

— E agora? — perguntou. — Como é que vais fazer? — finalizou.

— Amanhã apanho um comboio.

— E o Mário?

— Que tem, o Mário?

— Achas que ele aprova? — e foi aqui.

Bela não respondeu. Estava finalmente, dois anos depois, diante da maior de todas as perguntas. Seria este casamento uma repetição dos anteriores? Mário tinha prometido que não, que não seria, que seria diferente de tudo o que ela vivera com Alberto e António. Ele seria muito mais compreensivo aos seus caprichos, às suas necessidades e sensibilidade. Ele seria o ideal masculino que ela tanto desejava e de que lhe falara horas a fio. A paixão tem destas coisas — as pessoas agigantam-se para caber no universo inteiro da outra. Mas este dia, esta carta, esta pergunta iria finalmente colocar tudo isso em cima da mesa — no centro do furacão. No tempo de casados, este tempo morno e sem clivagens ou perguntas difíceis, neste tempo de calma e céu pouco nublado, Bela e Mário nunca tinham passado por uma prova que colocasse em causa todas as promessas de noivado. Era chegado o momento, então.

— O meu marido não tem de aprovar ou deixar de aprovar nada.

— Mas é o teu marido, Bela.

— E depois? Antes de ele ser meu marido, o meu irmão já era meu irmão.

— Isso não é assim, tu não és casada com o teu irmão, não celebraste um compromisso com ele.

— Não? Como é que tu sabes? — e bebeu o chá gelado de um gole só, queria acordar todos os sentidos, sabia que aquela discussão iria ser exactamente a mesma com Mário. Aproveitava para experimentar os seus argumentos, respostas, razões.

— Porque é que não o levas contigo?

— Não, isso não — negou, negou, negou. Não — era a palavra para tudo o que se intrometesse entre ela e Apeles.

Adelaide respirou fundo, olhou o mar, ou fingiu que se concentrava no horizonte, colocou os óculos escuros, não queria perturbar ainda mais a amiga nem causar algum dano irreparável naquela tarde belíssima de nadas e pequenos prazeres. Quando o dia caísse, a noite viesse, o marido regressasse a casa depois das consultas e dos doentes, teria este incêndio incontrolável para apagar no corpo da mulher. Um incêndio que ameaçava contaminar tudo — queimar tudo, a casa, ele, tudo. E quando a noite, de facto, caiu, e Adelaide mudou de roupa para jantar com o seu marido, a ideia desse incêndio continuava a pairar na sua cabeça aberta. Se fosse possível, se conseguisse ver dali, da sua casa, das suas janelas, a casa de Bela, veria certamente essa batalha gloriosa entre eles — homem e mulher — coisa inaudita, proibida até, castigo infernal, pensaria — pelo que nunca sequer passaria pela sua vida ou pela sua pessoa. E se passasse, o que diriam, o que faria, seria capaz? A verdade é que aquela tarde simplória, profundamente mundana e monótona, como tantas outras tardes — para não dizer todas — estéreis e apenas convenientes — fixara-se na sua cabeça em fusão. É isso. Adelaide ou a carta de Apeles ou Bela estavam em total contrariedade e desequilíbrio. E como podia Adelaide sentar-se — agora — com o seu marido, na sua vida arrumada e passada a ferro, como? E se Bela fosse capaz e amanhã apanhasse um comboio? Se ela ultrapassasse todas as regras, as tais regras que no passado lhe trouxeram tantos dissabores e violência? As mesmas que lhe deram má reputação e nome, quando no fundo não eram mais nada do que isso — gritos. As más acções ou escolhas são gritos, mais nada — gritos de alguém que ninguém ouve ou ouviu numa determinada altura — por exemplo, quando se descobriu que afinal de contas o mundo é vasto e a morte é soberana. Se Bela apanhar aquele comboio amanhã, o que será de mim? É que não posso ser a mesma, sendo cúmplice ou simplesmente tendo assistido

a uma coisa que nunca vira. Uma mulher diante da sua própria condição — orgulhosa, destemida — que se mata a si mesma para ser outra mulher — difamada ou destruída. E segue. Não olha para trás e segue. Era isso que perturbava Adelaide que vivera a vida toda dentro de uma bolha de palavras mansas e gestos calculados. Se Bela rasgar o seu dia, o estrago fica feito. Um dia rasgado é um dia importante. Nada volta a ser como dantes. E ela? Eu? Que faço eu diante de uma mulher assim? Sou mulher, ainda? Como posso continuar a viver diante duma mulher assim? — pensou. O marido, simpático, cortês, sonâmbulo, olhava-a com carinho e admiração enquanto cortava a carne no sossego do lar, alumiados por novidades que trouxera do Porto — dois candeeiros muito bonitos cheios de arte para a mulherzinha que adorava decoração. Mas Adelaide nem reparara nos candeeiros, muito menos na beleza do desenho, ou fosse no que fosse. O seu tormento estava fixado na sua amiga que fazia da vida uma obra de arte total — foco de luz, mecânica da vida, desafio, concentração do juízo. Adelaide perdeu a fome, desculpou-se, saiu da sala, subiu as escadas, entrou no quarto e sentou-se em cima da cama e chorou. Acabava de morrer e sabia.